



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMÍA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –  
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA  
AMERICA LATINA**

A memorização no sistema educacional no Haiti como forma de colonização: uma análise na perspectiva crítica.

Emmanuel Samuel

Foz do Iguaçu, Brasil

2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMÍA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)  
CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –  
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA  
AMERICA LATINA**

A memorização no sistema educacional no Haiti como forma de colonização: uma análise na perspectiva crítica.

Emmanuel Samuel

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto Latino- Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Estado, Sociedade e Política na América Latina.

Orientador: Prof. Doutor Miguel Antonio Ahuamada Cristi.

Co-orientadora : Profa. Juliana Biondi Guanais

Foz do Iguaçu, Brasil

2018

Emmanuel Samuel

A memorização no sistema educacional no Haiti como forma de colonização: uma análise na perspectiva crítica

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Estado, Sociedade e Política na América Latina.

**Banca examinadora**

---

Orientador: Prof. Miguel

Co-Orientadora: Profa Juliana Guanais.

Unila

---

Profa. Doutora Jorgelina Ivana Tallei.

(ILAACH)

---

Prof. Doutor Carlos Francisco Bauer

(ILAE)

Foz do Iguaçu, -----, Brasil, 2018

## Dedicatória

À minha família por todos aqueles motivos nos momentos desejados.

## **Agradecimentos**

Dirijo meus agradecimentos mais sinceros aos professores e às professoras, colegas da Universidade Federal da Integração Latino-Americana pela sua contribuição na elaboração deste trabalho e pela curiosidade acadêmica que me inculcam. Em especial meu orientador, o Professor Miguel Cristi e minha co-orientadora Professora Juliana Guanais pelos comentários e pelas dúvidas que nutriram minhas reflexões neste trabalho.

Meus agradecimentos ao Brasil pelo acolhimento e por ter dado a oportunidade de estudar na UNILA, poder ter uma excelente formação acadêmica mas também pela possibilidade de estudar e conhecer professores e professoras de distintos campos epistêmicos, lugares e culturas da América-Latina.

À minha companheira Ilona pelos motivos, aos colegas, pelas discussões em diversos campos epistêmicos, aos colegas pela amizade por ter compartilhado juntos e ter realizado esse transcurso em Foz do Iguaçu.

Aos amigos em especial a Cleverton e sua família Inezs, Rosangela, Angelica e Sônia Scopel pelos apoios e a amizade incondicional.

Agradeço aos meus pais a pesar da distância, me manifestam seu apoio e amor incondicional, sem os quais teria sido impossível chegar até aqui.

“ Si cela arrive que tu tombes, apprends vite à chevaucher ta chute. Que ta chute deviennes ton cheval pour continuer ton voyage”.

Franckétienne

SAMUEL, Emmanuel A **memorização no sistema educacional no Haiti como forma de colonização: uma análise na perspectiva crítica**. 2018.103 pgs. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política e Sociologia: Estado, Sociedade e Política na América Latina). Foz do Iguaçu, 2018.

## **RESUMO**

O presente trabalho propõe uma análise ao respeito da memorização enquanto prática pedagógica no sistema educacional no Haiti. O objetivo é dar uma interpretação às relações sociais de domínio de classe por meio das práticas pedagógicas a partir de uma análise sociológica. O estudo analisa a educação enquanto fenômeno social resultante nas trocas de informação e de experiência. Como fenômeno social, ela pretende estabelecer os padrões sociais como mecanismo de controle e de (re) produção de desigualdades sociais enquanto aparato de dominação das classes dominantes. Como grupo dominante, a oligarquia haitiana decide quais as práticas necessárias capazes de refletir seus interesses para manter sua hegemonia de classe. De acordo a esses interesses, a memorização é útil porque ela permite a compreensão superficial da realidade além da obediência que ela impõe. Essa situação instaurou-se ao longo do período colonial tanto nas últimas décadas. A formação das escolas no Haiti deixa entender como as oligarquias nacionais consolidam seu poder de domínio. A memorização constitui o terreno fértil para dar continuidade a esse domínio enquanto ela permeia como prática pedagógica, dificulta a libertação. Neste cenário, é preciso de uma pedagogia crítica para se libertar.

**Palavras-chave:** Educação. memorização. classe dominante. desigualdades sociais. Haiti

SAMUEL, Emmanuel. **Memorization in the educational system in Haiti as a colonization: analysis in the critique perspective.** 2018. 103 pages. Final paper. (Bachelor in Political Science and Sociology: State, Society and Politics in Latin America). Foz do Iguaçu, 2018.

## **ABSTRACT**

This paper aims an analysis with regards to memorization as a pedagogical practice in the educational system in Haiti. The purpose is to give an interpretation to the social relations of class domain through pedagogical practices from a sociological analysis. The study analyzes education as a social phenomenon resulting in the exchange of information and experience. As a social phenomenon, it intends to establish social patterns as a mechanism of control and (re) production of social inequalities as an apparatus of domination of the ruling classes. As a dominant group, the Haitian oligarchy decides what practices are necessary to reflect its interests to maintain its class hegemony. According to these interests, memorization is useful because it allows the superficial understanding of reality beyond obedience that it imposes. This situation has settled during the colonial period as such as in the last decades. The formation of schools in Haiti shows how national oligarchies consolidate their power to dominate. Memorization is the fertile ground to maintain this domain, while it permeates difficult liberation as pedagogical practice. In this scenario, it needs a critical pedagogy to get liberate.

**Key words:** Education. Memorization. Dominant class. Social inequalities. Haiti



SAMUEL, Emmanuel. **La mémorisation dans le système éducationnel en Haïti comme forme de colonisation: une analyse à partir de la perspective critique.** 2018. 103 pages. Mémoire. (Bachelier en Sciences Politiques et en Sociologie: État, Société et Politique en Amérique Latine). Foz do Iguaçu, 2018.

## **RÉSUMÉ**

Le présent travail propose une analyse par rapport à la mémorisation étant une pratique pédagogique dans le système éducationnel en Haïti. L'objectif c'est d'offrir une interprétation aux rapports sociaux de domination de par les pratiques pédagogiques à partir d'une analyse sociologique. L'étude analyse l'éducation étant un phénomène social résultant d'échange d'information et d'expérience. Étant un phénomène social, elle prétend établir les patrons sociaux comme mécanisme de contrôle et de (re) production des inégalités sociales comme appareil des classes dominantes. Étant que groupe dominant, l'oligarchie haïtienne décide quelles sont les pratiques capables de refléter ses intérêts afin de maintenir son hégémonie de classe. Selon ces intérêts, la mémorisation sert comme instrument; car elle permet la compréhension superficielle de la réalité, en plus de la question d'obéissance qu'elle impose. Cette situation s'installe tout au long de la période coloniale tant aux dernières décennies. La formation des écoles en Haïti laisse entendre comment les oligarchies nationales consolident leur pouvoir de domination. Étant donné que la mémorisation constitue un terrain fertile pour donner continuité à cette domination pendant qu'elle imprègne comme pratique pédagogique, rend difficile la libération. En ce sens, il est nécessaire une pédagogie critique afin de s'en libérer.

**Mots-clés :** Éducation. Mémorisation. Classe dominante. Inégalités sociales. Haïti

SAMUEL, Emmanuel. **Memorizasyon kòm fòm de kolonizasyon nan sistèm edikasyonèl an Ayiti: yon analiz nan pèspektiv kritik la.** 2018. 103 paj. Memwa. (Bachelye nan Syans Politik ak Sosyoloji: Leta, Sosyete ak Politik nan Amerik Latin). Foz do Iguacu, 2018.

## **REZIME**

Travay sa-a pwopoze ofri yon analiz sou kesyon memorizasyon-an nan peyi d'Ayiti. Objektif li se entèprete relasyon sosyal de dominasyon nan sa ki gen rapò ak pratik pedagogik pa yon analiz sosiolojik. Etid sa-a analize edikasyon kòm yon fenomèn sosyal ki sòti nan echanj de enfòmasyon ak eksperyans. Plis ke se yon fenomèn sosyal, li pretann etabli patwon sosyal yo kòm mekanism de kontwòl e repwodiksyon inegalite sosyal kòm zouti klas dominan yo. Antan ke gwoup dominan, oligachi ayisyèn lan deside ki mòd de pratik ki kapab reflekte intrè-l, yon fason pou kenbe egemoni de klas. Selon enterè say o-a, memorizasyon-an sèvi kòm enstriman paske li pèmèt konpreansyon sipèsyèl realite-a, e menm nan kesyon obeyisans ke-l empoze. Sitiasyon sa-a enstale pandan tout period kolonya-la e menm nan dènye deseni sa-yo. Kidonk, fòmasyon lekòl nan peyi d'Ayiti fè komprann kijan oligachi nasyonal-la konsolide pouvwa de dominasyon-l. Kòm memorizasyon se yon zouti fètil pou bay kontinite a dominasyon sa-a pandan li kenbe mòd de pratik pedagogik, li rann difisil liberasyon-an. Nan lòt mo, se yon necesitye pou yon pedagoji kritik pou liberasyon.

**Mo-ke :** Edikasyon. Memorizasyon. Klas dominan. Inegalite sosyal. Ayiti

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AI Aparato Ideológico

AIE Aparato ideológico do Estado

AP Ação Pedagógica

TP Trabalho Pedagógico

UNILA Universidade da Integração Latino-Americana

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>15</b>
<b>1. A CULTURA COMO FORMA DE EDUCAÇÃO E AS FORMAS DE AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO.....</b>	<b>22</b>
<b>1.1 O conceito de educação.....</b>	<b>22</b>
1.1.1 A educação não formal.....	24
1.1.1.1 A educação informal.....	25
1.1.1.1.1 A educação formal.....	26
1.2 Educação como processo social e seus objetivos.....	27
1.1.2 As escolas como formas educacionais.....	30
1.1.1.2 Formas de aquisição de conhecimento na escola.....	32
1.1.1.1.2 Reflexões críticas à Escola Nova.....	37
1.1.1.1.1.2 O ensino-aprendizado como processo de aquisição de conhecimento.....	38
<b>2. LEITURA SOCIOLOGICA E POLITICA DO FENOMENO EDUCACIONAL..</b>	<b>42</b>
2.1 Perspectiva marxista da educação.....	42
2.1.1 A escola na visão de Louis Althusser.....	46

2.1.1.1 Os apoios teóricos de Pierre Bourdieu na sociologia na sociologia da educação.....	50
2.1.1.1.1 A legitimidade da cultura dominante no meio da instituição escolar.....	51
2.2 O discurso pedagógico e os conteúdos na instituição escolar.....	54
2.1.2 A proposta pedagógica de Gramsci.....	60
2.1.1.2 O papel da cultura na perspectiva de Gramsci.....	60
2.1.1.1.2 A instituição escolar na visão de Gramsci.....	61
<b>3. HAITI E A PROBLEMÁTICA DA EDUCAÇÃO NO PERÍODO COLONIAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO NOVO ESTADO.....</b>	<b>64</b>
3.1 A submissão dos recursos naturais e dos não europeus.....	65
3.1.1 O papel anticolonialista do Créol e Vodou na educação.....	70
3.1.1.1. Educação na sociedade pós colonial.....	71
<b>3.1.1.1.1 A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS LIBERTADORES E DAS LIBERTADORAS.....</b>	<b>72</b>
3.2 Toussaint e suas ideias educativas.....	73
3.1.2 Dessalines e sua perspectiva da educação.....	74
3.1.1.2 Crise social e a educação.....	76

3.1.1.1.2 A crise econômica e a educação.....	76
3.1.1.1.1.2 A crise política e sua consequência na educação.....	77
3.1 Henry Christophe e sua visão na educação.....	79
3.1.3 Estrutura da educação em Christophe.....	80
3.1.1.3 Pétion e sua visão educativa.....	82
3.1.1.1.3 Pagos do resgate da independência e sua consequência na educação.....	85
3.1.1.1.3 Pedagogia do oprimido como arcabouço teórico-metodológico para analisar as relações de domínio através da memorização.....	91
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>99</b>
As principais constituições do Haiti.....	99
<b>PRINCIPAIS FONTES.....</b>	<b>100</b>

## **Introdução**

O ser humano organiza-se há milênios em grupo. Essa organização é social e vincula a vida social em torno da intervenção na natureza. Essa intervenção é o trabalho como meio de subsistência. A maneira em que efetiva-se o processo de subsistência realiza-se constantemente em grupo. Quer dizer, convivemos, trabalhamos juntos, trocamos ideias, etc. Esses processos são denominados interação social, dão-se dentro da sociedade, por isso que o ser humano é um ser social portanto não consegue realizar-se fora desta. Por isso, por meio dessas interações sociais, ele torna-se um ser social. Ele o é porque aprende tudo dentro da sociedade e assimila tudo dentro dessa sociedade. Pois, essa aprendizagem é um processo, ou seja, ela leva tempo; o que significa também que o ser humano não é só um ser social mas também é um ser histórico dado que desenvolve suas habilidades ao longo do tempo. Olhando para o ser humano, entende-se como resultante de um processo social e histórico; por conseguinte, não é um sujeito acabado. Sua formação social é constante. Distintas civilizações demonstram suas habilidades em épocas diferentes e espaços diferentes. Mas sempre no seio dos grupos sociais organiza-se socialmente a não ter outra forma de sobrevivência. Isso deixa entender que o ser humano precisa da sociedade para viver e aprender nela. Sempre ele é um sujeito histórico, está no centro dos acontecimentos. É nesse sentido, ele assimila logo depois para se transformar e continua transformando com o objetivo de responder a seus desejos. Conforme à dinâmica da sociedade, cada desejo gera outro. Cabe lembrar que os desejos do ser humano desenvolve uma função social ao ponto que tomam a forma de instituições. As instituições tendem a responder as necessidades prévias mas também contribuem a reprodução dos padrões estabelecidos previamente. Sendo assim, desenvolvem-se regras comportamentais, valores que, geralmente, hierarquizam-se de acordo às necessidades, é a ideia de prioridades sociais que se definem. Ao longo do tempo, o sujeito passa a aprender os valores da sociedade em função da dinâmica social porque os valores não são os mesmos para todas as épocas e todos os espaços. Os valores são construídos, por isso o

ser humano os muda enquanto sujeito que tem história. Então, isso nos faz entender que o mundo é um mundo construído pelos sujeitos ao longo do tempo. É uma construção social. O que significa que esse processo não pode ser entendido como se fosse um dado biológico tal qual ao corpo humano. Por exemplo, quem tem sede, precisa d'água para saciá-la. Pois, isso não é regulado pelo indivíduo, se regula devido ao aparelho biológico. Embora as práticas sejam sociais, quer dizer, a forma em que o indivíduo independentemente de seu grupo social, procede para beber a água. Vale a pena descartar que os processos sociais estão muito vinculados em relação à divisão social do trabalho. Esses processos podem-se explicar desde as comunidades caçadoras passando pelas sociedades escravistas até as relações mais complexas como no caso do sistema capitalista. Assim, a sociedade organiza-se por vários grupos geralmente que compartilham certas semelhanças. Por isso, a sociologia estuda os grupos sociais, a maneira em que se organizam, sua reprodução na sociedade. Tendo dito isso, nesse presente trabalho nos interessa a educação porque ela é um fato social e também como forma de organização da sociedade, de pensá-la. Então é normal pensar na educação porque o ser humano enquanto sujeito pensante participa na construção do conhecimento, o constrói e manifesta o desejo de conhecer cada vez mais. Aqui chamamos mais a atenção sobretudo a educação formal e ainda nas práticas pedagógicas. Isso pode ajudar a entender a relação social desses conteúdos enquanto são conectados à realidade quotidiana. Ou se eles são descontextualizados; no sentido de que eles não levam em conta a realidade do educando. Permite-nos problematizar as práticas educacionais na reprodução social. A educação pode ajudar a entender as relações sociais de opressão como mecanismo de dominação. Nesse sentido, chama-nos atenção a memorização sendo uma prática pedagógica no Haiti. Apesar de que as reformas educativas buscam a reduzir as desigualdades sociais ao respeito do acesso na escola, vê-se a memorização é um fato a ser problematizado visto que ela está vinculada à pedagogia tradicional.



Reconhece-se de certa maneira a importância da memorização tem em relação ao indivíduo. Contribui no reconhecimento de objeto, então quanto mais uma criança tem relação com um objeto, mais ela terá conhecimento ao respeito daquilo. Não obstante, enquanto prática educacional, vem sendo questionada há muito tempo porque ela gera uma conduta passiva no educando. Vale a pena destacar que houve ao longo da história da educação essa discussão como prática pedagógica. Em certos momentos na história da educação, a recitação serve para preparar o cidadão na arte de falar bem em público com objetivo de ocupar cargo político. Essa educação baseava-se nos relatos históricos e poéticos; uma concepção mnemônica com a recitação de “Ilíada” e “Odisseia”. O político definia-se como sujeito de bem devido a isso buscava-se adaptar o indivíduo aos princípios da sociedade. Eram regras ético-comportamentais que visaram a obediência. Também surge a educação cristã que prega sobre o Cristo por meio da Bíblia. Na época era saber o Torah. É importante destacar que predominava a pedagogia oral devido a pouco uso da cultura escrita, era uma tradição oral. A memorização é relevante nesse contexto. Desse modo aparece a contribuição da memorização enquanto prática pedagógica. Porém, essa prática foi problematizada também por uma série de filósofos no decorrer do tempo. Ou seja a memorização existe desde os tempos mais remotos da história da educação; desde a educação grega passando pela educação romana. Mas, houve sempre questionamentos por parte dos pensadores da época. No debate contemporâneo, tal prática também é discutida, ela é considerada como algo mecânico em que o educando é um mero repetidor. Portanto, não consegue produzir uma reflexão crítico-reflexiva. Nesse sentido quem lê, fica prisioneiro, submetendo-se ao texto porque essa forma não lhe permite produzir uma análise. Não consegue ir além do lido para um exercício pessoal. Portanto, não pode falar uma relação ao respeito da realidade partindo da leitura para explicar o mundo em que esse sujeito vive.

Para entender essa relação, propõe-se analisar a pedagogia tradicional explicar seu fundamento ao respeito do ato de aprendizado. A pedagogia mnemônica

começou a ser problematizada já na educação romana porque as crianças recitavam histórias que não havia nada a ver ao respeito do seu dia. Essa prática se vê como mecânica; portanto não leva em consideração a realidade do sujeito. Em vez de elaborar uma resposta, procura responder de forma mecânica como tudo está dado. Tanto na história contemporânea, a memorização continua suscitando debate. É isso que nos leva a trabalhar esse tema porque a memorização de conteúdos não gera criticidade, pelo contrário, gera passividade dado que essa pedagogia pretende dar respostas prontas. Sendo prática educacional no Haiti, o ensino haitiano produz um mero memorizador e repetidor (o chamado jakorepèt). O que não permite a apreensão, a leitura do mundo onde ele vive. É por isso que o título do presente trabalho, memorização como forma de colonização porque a recitação de conteúdos escolares não permite que o educando seja dono do conhecimento, capaz de apropriar-se dele. É um fato gritante na sociedade haitiana e nos chama atenção para problematizar a educação junto com os atores sociais que fazem parte. Tentaremos analisar não como um ato de passar conhecimento, senão considerar o educando como sujeito que atua e não objeto que merece receber conhecimento. É a partir daí o trabalho propõe-se responder como a memorização pode causar problema no desenvolvimento crítico no adulto?

Diante dessa proposta, nos chama a atenção esse fenômeno, o qual merece ser estudado como um problema, assim pode aportar e contribuir na comunidade acadêmica. Nosso presente trabalho tem seu interesse, em geral, constando o andamento do sistema educacional no Haiti em relação as práticas pedagógicas baseadas no “Par Coeur” (decoreba), que é a memorização comumente chamada decoreba. Uma tal prática dificulta a compreensão das noções ensinadas nas salas de aula e mesmo nas avaliações; já que levam em conta a capacidade do aluno a estudar decorando (par coeur). Esta prática pedagógica gera não só a domesticação da leitura, mas também o fracasso escolar e a evasão escolar. Diante do problema, os agentes escolares, como pais, professores, etc. entendem o aluno como um péssimo receptor. Aí o fenômeno não se entende como um

problema social, senão como algo no educando. O problema se individualiza, por isso vê-se como um problema de má memória. Ou seja, alguém que não tem nenhuma capacidade para aprender. Isso constitui a base do nosso trabalho porque acreditamos que a educação deve ser uma experimental onde envolve o educando como ator participante. Essa prática pedagógica parte da vivência do aluno em lugar de assistir o ato de aprendizagem como se fosse um filme de Hollywood.

O ideal nesse tipo de ensino é atingir o grau final e logo depois se dirigir ao mercado do trabalho ainda com um tipo de conhecimento mecânico.

A educação nesse contexto, como transferência de valores de uma geração a outra na sociedade e assim pode manter-se coesa, homogênea. Em relação ao caso haitiano, culpa-se do sistema educacional das desigualdades sociais do país. Tal perspectiva associa a pobreza à educação como falta de transmissão de valores como mera missão e por isso ela não contribui ao desenvolvimento deste.

Para tal efeito, o presente trabalho será norteado pelo marco teórico crítico e pretende analisar a relação da memorização como problema no desenvolvimento do pensamento crítico no adulto. Os teóricos a serem utilizados são Louis Althusser, Pierre Bourdieu e Antônio Gramsci. Os três apresentam diferenças e semelhanças nas suas análises. São análises que nos permitem entender a relação social de dominação e a reprodução dela a partir do sistema escolar. Em segundo lugar, a teoria de Paulo Freire traz a discussão ao respeito da memorização como mecanização do ensino. Por isso precisamos contrapor a educação bancária e a educação problematizadora através do ensino-aprendizado. A proposta do ensino-aprendizado desloca o professor como o único detentor de saber, mas considera a experiência de vida do educando e faz parte da construção do conhecimento como processo coletivo. Por isso, entende-se o indivíduo como um ser social e histórico. Ele constrói seu mundo assimilando a cultura e depois ele

a transforma. O que faz com que seu ato de aprendizado não deve ocorrer fora dele mas com ele.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, conta-se com três capítulos que abordam o fenômeno da memorização dentro da escola, a educação enquanto instituição escolar e fenômeno sociológico. Por isso:

O primeiro capítulo aborda a educação como prática social do ser humano para sobreviver. Por meio dessa prática, os seres humanos compartilham seus saberes mediante trocas de experiências na intervenção da natureza. Tal abordagem vê a educação na sua forma mais abrangente que parte da educação informal, não-formal e formal. Ao respeito da educação formal constitui foco do nosso trabalho porque a memorização que pretendemos estudar se operacionaliza no meio escolar. Dessa forma, busca-se compreender a instituição e as diferentes práticas pedagógicas ao longo da história da educação. Vemos o conceito de educação e seus objetivos e seus distintos paradigmas em relação às épocas.

O segundo capítulo analisa a educação enquanto fenômeno sociológico desde a perspectiva crítica. Essa análise pretende analisar o fenômeno como motor da reprodução de padrões sociais e de controle. Os argumentos dos autores, mostram a relação social entre a instituição escolar e as forças materiais. Então, a educação dessa forma organiza-se conforme ao modo de produção capitalista. A educação é vinculada aos interesses de uma classe, dispõe-se de um curricular e reflete o Estado sendo aparato ideológico. Por algum motivo há a memorização como prática pedagógica no sistema educacional haitiano como prática pedagógica e não outra.

O terceiro capítulo dá seguimento para entender a formação histórica das escolas no Haiti. Entende-se, a partir daí, o Haiti na formação do sistema-mundo e sua resistência na defesa da independência. Pois, fracassa o projeto colonial com a revolução

que constitui uma ruptura epistemológica e mudança de um paradigma, mas as potências mantêm pressões para não reconhecer a independência. A França, potência colonizadora no então, pede indenização. Esse resgate gera grandes impactos na criação de escolas públicas e a multiplicação das escolas privadas (congregacionais, protestantes, laicas e internacionais). Ocorre, nesse sentido, a hierarquização de conhecimento onde algumas escolas têm um capital cultural mais elevado do que outras. É o que determina as relações sociais de domínio de classe. Para problematizar tal fenômeno, propõe-se analisar a educação tradicional como bancária e observar as opressões que se dão. Assim, veremos como se dá a opressão e como os opressores invadem os oprimidos impondo sua cultura como padrão. Nesse cenário, o oprimido precisa se libertar mediante da conscientização coletiva.

Na parte final, pretende-se fazer uma síntese do trabalho de pesquisa realizado. Assim, apresentam-se os resultados e fazer uma breve conclusão ao respeito.

## Capítulo I

No primeiro capítulo, pretende-se estudar o conceito de educação como fenômeno social e entender seus objetivos. Sendo assim, estudar a educação permitirá entender as práticas pedagógicas como a memorização sendo o foco do nosso estudo.

### 1.1 O conceito de educação

Há milênios que o ser humano vive na terra. Submete o mundo e se apropria dele. Essa apropriação gera cultura enquanto submete o mundo. São fatos que acontecem ao longo da história, quer dizer, processos que levam tempo. Qualquer objeto durante esses processos, transforma-se em técnica ou ferramenta. O uso de uma ferramenta não nasce pronta como algo acabada, ela leva um tempo até para ser bem utilizada.

Um bastão podia derrubar frutas para o consumo e ao mesmo tempo como mecanismo de defesa. Essas práticas sociais são compartilhadas entre os indivíduos de um mesmo grupo ou camada. É o caso da divisão social do trabalho onde cada um encarrega-se de uma atividade. Os que se dedicam à pesca e os que se dedicam à caça. São técnicas trocadas que servem para melhorar ou assegurar a sobrevivência da espécie humana. Desde aí o ser humano organiza-se em grupo, no qual vê algumas semelhanças. Quer dizer, convivemos, trabalhamos juntos, conversamos, etc. Esses processos são denominados interação e se dá dentro da sociedade, por isso que o ser humano é construído. É a sociedade que nos torna um ser social. O ser humano não escapa das influências dela porque aprende tudo dentro dessa sociedade e assimila tudo dentro dela desde a fala, os costumes, as práticas e experiências sociais. Pois, essa aprendizagem é um processo; o que significa também que o ser humano não é só um ser social mas também é um ser histórico dado que desenvolve constantemente suas habilidades ao longo do tempo porque não é um sujeito acabado, pronto. Ele precisa da sociedade para viver e aprender nela. O ser humano não é um ser porque ele quer, de certa forma a sociedade impõe os padrões

sobre ele e assim ele passa a atuar. Como sujeito histórico, consciente ele assimila as práticas sociais e logo dialoga com elas e as transforma.

O ser humano anexa a natureza, a transforma e se apropria também dela e dos seus recursos. A cada passo, ele cria mais desejos de continuar progredindo ao ponto que um desejo pode ser superado por outro. A relação que se produz entre o ser humano e a natureza constitui em experiências. As experiências são o conhecimento e o exerce para satisfazer suas necessidades e aquelas do seu grupo. Nesse sentido, existe uma relação de poder entre o ser humano e a natureza. O ser humano, através de seus saberes, passa a exercer seu poder sobre a natureza enquanto objeto. Conforme ao desenvolvimento das atividades, esses saberes passam a ter outras funções que não tiveram antigamente. Então, a técnica de submeter a natureza são fenômenos educacionais. Pode-se dizer que a educação adquire-se por meio da cultura. Entende-se assim que a educação é o ato de aprender, de trocar ideias e de experiências. Ela tem início desde as idades mais tempranas do ser humano, passa esse processo a um tal ponto que ninguém escapa dele porque se dá em todos os espaços de transmissão de informações. Então, onde há interação há educação. Ela como processo é abrangente; portanto, não restringe-se só a passar conteúdos escolares em um lugar fixo onde há uma autoridade pedagógica, em geral, que é um professor como figura central responsável de passar conhecimentos. Ela (a educação) vai além disso. Enquanto a escola, o termo vem de *scholé*, lugar do ócio. As pessoas iam para a escola no seu tempo livre para pensar. A escola aparece em várias civilizações de raízes muçulmanas, logo depois surgiu na Idade Média. Tal como a conhecemos hoje, ela, como diz o sociólogo Nelson Paletti, nunca existiu. Sendo assim, a educação se faz pela convivência, as experiências, as trocas entre crianças e adultos, nas relações de trabalho como: caça, pesca, agricultura, nas cerimônias coletivas e nas histórias dos antepassados, contadas pelos velhos (PALETTI, p. 87-88). Devido às formas de partilhar o conhecimento, existe a educação não formal, a educação informal e a educação formal. Tendo a escola formal como tema de estudo, as outras formas de

educação ajudarão a ter um conhecimento mais amplo ao respeito do conceito de educação.

### **1.1.1 A educação não formal**

Já o conceito nos faz aproximar do que é educação não formal. Ela não dá-se nas estruturas conhecidas dentro de quatro paredes de forma estruturada. Por ser assim, ela não requer as modalidades comuns inscritas nos padrões das escolas modernas. Nesse sentido, a educação não formal, não tem uma agenda curricular, a qual segue de maneira temporal o que deve ser estudado em um momento dado. Por conseguinte, não há prova. O que faz com que esse tipo de educação não é controlado por um ministério ao ponto que estrutura-se de forma hierárquica: ministério, secretaria da educação e administração escolar com um diretor. Isso implicaria ter um prédio para salas de aula, um professor que ministra as aulas, livros de textos, calendário acadêmico em que existe um horário de entrada e de saída. Em termo temporal, não há, como no caso da educação formal, a divisão semanal e trimestral. Também as tarefas acadêmicas, na educação formal, são pontuais porque é preciso atingir de maneira intencional algumas metas: ou chegar a uma determinada matéria, seja passar de ano para outro grau ou conseguir um título. Geralmente, na educação formal, essas tarefas servem como mecanismo de controle para ver o grau escolar do aluno, se ele preenche o que a escola faz como exigências enquanto instituição. Em outros termos, não há atividades prévias ao respeito desse tipo de educação. São maneiras e formas de pensar, agir, sentir que o indivíduo adquire enquanto vive na sociedade. São vivências e experiências sociais. Esses padrões sociais reproduzem-se cada vez que uma geração desaparece e é substituída por outra (DURKHEIM, 1968, p. 53). A medida em que o modo de produção organiza a sociedade no consumo, produção a grande escala que gera grandes mudanças sociais, políticas e tecnológicas, a educação não formal não foge dessas mudanças. A socióloga Gohn (2008) destaca os lugares onde desenvolve-se a educação não formal: associação de bairros, nas



organizações que coordenam e estruturam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos, nas organizações não governamentais, nos sindicatos, nos partidos políticos, nos espaços culturais (GOHN, 2008). Para essa mesma autora, o espaço onde realiza-se essa forma de educação dá-se nos lugares onde esses grupos se encontram.

Pode-se dizer que tais movimentos têm uma agenda e metas claramente definidas. Geralmente, buscam que seus membros entendam os processos políticos, pensem em relação à opressão de classe, na justiça social, desigualdades sociais, analisem as políticas públicas; formas de atividades que tendem a repetir-se socialmente. Desperta-se a consciência de um grupo diante dos problemas sociais. Essas formas se consideram como parte da educação não formal. Cabe lembrar que embora a educação não formal não tenha um currículo a seguir, mas há um objetivo que se define em função das pautas dos grupos.

#### **1.1.1.1 A educação informal**

Desenvolve-se a educação informal no seio da família; é o primeiro lugar onde dão os primeiros passos para esse tipo de educação. É o momento em que aprende-se a falar as primeiras palavras tanto como a andar e pensar. Para certos estudiosos, aprendemos nessa fase as concepções normativas e estabelecer a diferencia sobre os conceitos básicos do que é bom ou ruim entre o que é certo e o que é errado (BERGER e LUCKMANN, 1968, p.172). Tal processo, é chamado para esses pensadores, a socialização primária; por isso que a mãe e o pai têm um papel sumamente relevante. A socialização primária contribui na reprodução dos padrões sociais, quer dizer, tem uma grande influência na vida dos indivíduos. Para os pensadores Berger e Luckman: “el niño vive de buen o mal grado en el mundo tal como lo definen sus padres, pero puede dar la espalda con alegría al mundo de la aritmética no bien abandona el salón de clase” (BERGER e LUCKMANN, 1968, p. 180). Porém, isso varia conforme a posição social de

uma família, já que a socialização se dá distintamente de uma família de classe baixa uma de classe alta. São dois mundos distintos em termo de apreender o mundo em que vivem.

Tal como a educação não formal, a educação informal não é definida com uma estrutura em que visa ensinar e alcançar uma meta clara. Para Gaspar (2005), a educação informal se desenvolve nos espaços como jardins botânicos, zoológicos, museu de artes, ou ciências. Pode ocorrer também em outros espaços onde existe a interação social. Nessa mesma linha, o pensador Libâneo indica a forma em que se realiza a educação informal:

“A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com o seu ambiente humano social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências práticas, mas que estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas” (LIBÂNEO, 2010, p. 13).

#### **1.1.1.1.1 A educação formal**

Essa forma de educação nos chama mais a atenção porque constitui o foco do nosso trabalho pelo fato que as intenções são claramente definidas sobre uma base de uma ação política e pedagógica no caso da memorização enquanto prática. As práticas pedagógicas desenvolvem-se no âmbito da educação formal. São as escolas construídas de forma estruturada respondendo às questões convencionais como prédio, professor, alunos e outro. Há uma estrutura hierárquica. Nesse grupo encontram-se os centros acadêmicos, os institutos, as escolas, e as universidades. Há o controle de um Estado através de um ministério.

Como a memorização é uma prática do ensino na educação escolar haitiana, o trabalho propõe uma análise ao respeito da educação escolar haitiana com práticas

voltadas na memorização. Como salientamos ao respeito da educação formal, o órgão público responsável do sistema educacional haitiano é o “Ministère de l'Éducation et de la Formation Professionnelle”. É o ministério que coordena o processo educacional tanto no nível básico como superior conforme a um programa. Por isso é preciso questionar os livros de textos e também as práticas pedagógicas como a memorização para desvelar certos interesses expressados. Assim a educação, como outros campos de conhecimento, uma sociedade pode-se ler a partir da sua educação, tanto que pode-se ler uma sociedade nas relações sociais em que se define o trabalho, etc. As pautas na educação formal se definem não só pela instituição escolar, mas também pela constituição do país. No caso do Haiti, por exemplo, a constituição de 1987 reconhece o direito da educação para todos. Como menciona a constituição: “L'État garantit le droit à l'Éducation (...); l'État et les Collectivités territoriales « doivent mettre l'École gratuitement à la portée de tous » (Art 32.1)” . O artigo 32.3 reconhece o ensino primário como obrigatório sob pena de receber sanção determinada pela lei. Suprimentos clássicos e material didático serão disponibilizados gratuitamente pelo Estado no nível do ensino primário, de acordo com essa mesma constituição.

Destaca-se aqui como a educação é responsabilidade do Estado como órgão responsável da educação para reproduzir os padrões sociais.

## **1.2 Educação como processo social e seus objetivos**

A história nos mostra que a educação como fenômeno social busca se definir em função das circunstâncias imediatas. O que faz com que determinada época tem um determinado objetivo (DURKHEIM, p. 55, 2009). O que significa que o processo de educar não é neutro, está sempre relacionado socialmente com a vida dos indivíduos na sociedade. Permeado pelo positivismo de Comte, para Durkheim a sociedade deve ser harmoniosa, portanto cada quem tem uma função devido às capacidades. Durkheim

desenvolve uma teoria em que a obediência é relevante porque é isso que nos preserva a sociedade. Assim, o autor francês procede para definir a educação. A maneira em que ele recorre, deixa claro a uma crítica que ele faz a seus predecessores com Kant e John Stuart<sup>1</sup> Mill, que, segundo o autor, tais definições estão em contradição com a conduta humana. Partindo dessa ideia, parece-nos que a definição da educação é uma evolução histórica do conceito em sociedades distintas como ele nos chama a atenção em cada época da história.

Em Atenas diz Durkheim, procurava-se formar espíritos dedicados, prudentes, sutis, embebidos da graça e harmonia, capazes de gozar o belo e os prazeres da pura especulação; em Roma, desejava-se especialmente que as crianças se tornassem homens de ação, apaixonados pela glória militar, indiferentes no que tocasse às letras e às letras. Na Idade Média, a educação era cristã, antes de tudo; na Renascença, toma caráter mais lego, mais literário; nos dias de hoje, a ciência tende a ocupar o lugar que a arte outrora preenchia (DURKHEIM, 1978, p.51).

Tal reflexão nos faz entender que a educação é uma resposta as circunstâncias imediatas de uma sociedade e na medida que as sociedades se desenvolvem, mudam as formas educacionais. O autor continua em definir a educação da seguinte maneira:

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina (DURKHEIM, 1978, p. 57).

---

<sup>1</sup> Durkheim faz crítica aos antecessores em relação à forma como eles definem a educação. Para ele é a sociedade que impõe sobre os indivíduos.

Nas análises do autor, a jovem geração são as crianças, elas precisam da formação dos adultos porque são consideradas como um terreno virgem. Como ser novo, precisa aprender de um adulto que é já formado. Esse novo ser precisa aprender os valores, as normas da sociedade. Sabendo esses valores, esse ser será um ser social. Durkheim entende a educação como um processo que tende a levar o indivíduo à socialização; caminho que lhe permitirá atuar com seus pares. Nessa altura, a educação de acordo a Durkheim, é uma ação coletiva e impõe tanto sobre a sociedade como sobre o indivíduo, molda o indivíduo (DURKHEIM, 1978). Cabe lembrar que um ser moldado, consegue dominar as paixões, as ideias instintivas em detrimento da sociedade. Assim, a sociedade consegue a coesão. São esses processos que nos fazem obedecer às regras impostas pela sociedade. Porém, o autor reconhece que os valores morais tendem a mudar de acordo com a época devido à variação das sociedades.

Enquanto a geração adulta, para Durkheim o professor é o detentor do saber; então possui o poder de educar a nova geração e essa legitimidade é a sociedade que lhe confere. O professor representa a geração adulta, essa geração é já moldada, pois ele como professor recebe todos os valores e já foram introjetados nele. Neste caso, vê-se como intermediário entre a sociedade e o aluno, portanto é capaz de educar. E o aluno enquanto tal, deve receber com obediência desse detentor de conhecimento devido a sua passividade natural. O professor não é só aquele que faz parte da geração anterior ao aluno devido a sua experiência, mas é também uma figura de autoridade. De acordo a essa análise Nelson Paletti aponta que:

Esses padrões de comportamento, que são relativos ao grupo e à sociedade, aparecem para a criança como absolutos. É essa absolutização que torna possível e eficiente o processo de socialização. Para a criança não há alternativa, a não ser submeter-se aos padrões adultos, já que elas dependem destes. Os adultos detêm o poder absoluto sobre a criança e a resistência que esta pode oferecer mais dia ou menos dia acaba cedendo. O mundo que a

criança conhece é o mundo dos adultos. Só mais tarde a criança descobre que há outros mundos, outros padrões, e pode abandonar a visão absolutista das coisas. (PALETTI, 1989, p. 86, 87)

A teoria de Durkheim não permite a visibilidade do educando, ela considera o professor como ser pensante e o educando um ser sem conhecimento. Tal constatação é vista segundo o professor Demerval Saviani (1987) como uma teoria não-crítica. Ele acrescenta que: “A escola organiza-se como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma graduação lógica, o acervo cultural aos alunos. A este cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos” (SAVIANI, 1984, p. 18). A essa altura, qualquer ideia contrária a essa pedagogia tende a ser reprimida, a revolução então, cuasaria caos social. Por isso, é preciso da coesão, da harmonia, do amor e da religião para manter a ordem. Para tal pensamento, é dessa forma que é possível o progresso. Qualquer desvio é considerado como inadaptado da sociedade. Dado ao objetivo do nosso trabalho que é norteado pelo pensamento crítico, precisamos entender tal fato com os pensadores críticos que oferecem outra ferramenta para entender o fenômeno educacional.

### **1.1.2 As escolas como formas educacionais**

A escola como centro educacional cria no indivíduo a capacidade de se reprimir; já que, ela representa um poder no indivíduo. É porque o poder influencia na vida dos indivíduos sobre tudo para fazer cumprir um determinado ato na relação social. Um vez que o indivíduo começa a interagir passa a naturalizar esses hábitos como respeitar a autoridade, ser submisso à lei. Esse reconhecimento se reproduz. É o caso de sentar na sala de aula enquanto o professor leciona. Essa ideologia é da classe dominante, por isso perante qualquer intento de romper essas formas, se reconstituem rapidamente. Mas também diante de um intento de desvio, dispõe-se de castigo para endereçar quem desvia. Na escola, existe um horário determinado para entrar e sair. Ou seja qualquer movimento é controlado. Isso é a ética comportamental que se repete e para a ideologia

dominante é a disciplina. Até nossos discursos é controlado porque na escola é a linguagem burguesa e não aquela linguagem popular, em geral, o educando costuma ouvir ou expressar-se. Para Foucault (2002), o poder disciplinário é para endireitar. Então, qualquer desvio daquele que não se encaixa nesses padrões sociais da classe dominante, é considerado como rebelião, portanto é passível à punição. É a razão pela qual o castigo é normalizador, ele pretende nos levar à homogeneidade, por isso qualquer desvio como mencionamos, será punido. Devido aos padrões impostos, nossos corpos passam a ser submetidos, portanto eles reagem como se falassem. É a forma em que se operacionaliza a disciplina. Assim, a disciplina toma a forma de um moinho enquanto no qual passa o corpo e leva a forma que lhe dá. Pois, basta submeter o corpo e ele responde. É o que o psicólogo Skinner chama de condicionante respondente. Segundo ele, uma vez programado para determinada atividade, o corpo responde em seguida. A experiência de Skinner (1953) era estudar o comportamento por meio de experiências dos ratos, pois ele descobre como que eles reagem de um condicionamento determinado. Na escola, por exemplo, a repetição serve para inculcar a noção de paciência e ao mesmo tempo a questão emocional. “O ritual diário, diz Nelson Paletti, da repetição dos mesmos comportamentos, na sucessão das aulas, cria hábitos profundamente arraigados na personalidade do educando. Hábitos tanto mais difíceis de modificar quanto mais prolongado foi o processo de escolarização” (Paletti, 1989, p. 97). Para o autor, são esses processos que são enraizados nos caracteres dos educandos. Isso leva tempo para modificar, assim como a pontualidade vale também tanto como fazer uma determinada atividade em um horário programado. Na análise do autor, tal atividade é intencional porque visa a reproduzir um determinado padrão. Quando um educando, por determinada situação, apresenta uma certa dificuldade nas atividades, é passível à repressão: punição. Existe uma variedade de formas de punir e no caso do Haiti até os castigos corporais são utilizados (Le Nouvelliste, 2017). Ao mesmo tempo a punição na escola, como observa o pensador, tem seu reverso que são os elogios por meio de boas notas.

Além das notas, existem também as provas como forma de controle. Elas permitem de classificar os alunos em colocar-se nos padrões exigidos. Assim, a prova constitui um fator condicionante porque ela gera poder. Esse poder se expressa nas notas, é a razão pela qual fala-se de nota de excelência. São padrões impostos para dar continuidade a ordem vigente, portanto, é preciso ter certos hábitos e padrões sociais da classe dominante.

Na escola existem várias formas de aquisição de conhecimento. Essas formas são determinadas de acordo ao tipo de pedagogia. De um lado, há a pedagogia tradicional que baseia-se nos conteúdos e ela busca a obediência, homogeneidade através da ordem. Por outro lado, a Escola Nova propõe a experimentação dos conteúdos adquiridos, e a observação no ato de aprendizagem. O presente trabalho pretende apresentar duas formas pelo fato que o trabalho deve ser norteado pelo pensamento crítico. Essas formas partem da educação tradicional e da Escola Nova.

### **1.1.1.2 Formas de aquisição de conhecimento na escola**

São destacadas várias formas de adquirir o conhecimento. O resultado disso é que conforme ao desenvolvimento econômico, tecnológico, etc., um paradigma tende a substituir outro paradigma. A educação, hoje em dia sobretudo a educação formal, vem construindo-se ao longo do tempo. A educação escolar não nasce pronta, é uma construção de várias teorias. Isso requer longos processos históricos de pesquisa e de questionamento para que cada dia a educação como interação social possa responder às realidades sociais. Fato que existe em vários campos epistemológicos. Essa construção faz-se através de paradigmas.

Conforme ao desenvolvimento das sociedades, a forma de pensar a educação tende a mudar segundo os desafios de cada sociedade, torna-se uma ferramenta de resposta aos problemas sociais ligados a uma época. Isso motiva quebra de paradigmas de um



momento a outro. O paradigma constrói-se um paradigma em um determinado tempo vinculado a um contexto específico em busca de uma resposta correspondente. As dinâmicas sociais demandam exigências, o que provoca no decorrer do tempo mudanças de substituição de um paradigma para outro. A educação não foge diante dessa situação. Na literatura da educação predominavam certas práticas pedagógicas que foram submetidas à críticas. Tal fato explica que determinada teoria serve para interpretar um fenômeno específico em lugar dado. Por exemplo, a pedagogia helenista foi questionada pela escola quintiliana. As pesquisas de Bourdieu também dos anos 1960 problematiza a questão das desigualdades sociais que o próprio sistema do ensino re-produz. Teorias anteriores as de Bourdieu, defendiam um ensino baseado no privilégio de classe. É nesse sentido que acadêmicos realizam pesquisas que se consideram com espectro de teorias, é o que Kuhn chama a atenção para o que é paradigma ou matrizes disciplinares (CUNHA, 2008). O paradigma assim, entende-se por ser utilizado pela comunidade acadêmica com uma certa legitimidade, o que faz com que ele permeia durante um certo tempo como pensamento hegemônico. Assim, queremos dizer, em relação a educação, há várias formas de ensinar ou passar o conhecimento. Mas para o presente trabalho pretendemos apresentar duas.

Fala-se da Escola Tradicional ou pós-escolástica, é uma pedagogia baseada no formalismo e na memorização de conteúdos escolares. Ela pretende adaptar o indivíduo na sociedade pelo autoritarismo e a disciplina visto que ela visa a obediência do aluno. Nesse tipo de escola é levada em conta a essência. Aparece na redação da Companhia de Jesus, ou seja, é um modelo jesuítico. A essência entende-se de pelas formas em que dá-se o ensino. Na Escola Tradicional, a aula centraliza-se no professor como alguém mandatado para a transmissão dos conteúdos de forma mecânica porque essa pedagogia busca dar respostas sem tantos argumentos. Dentro da sala de aula, o professor busca chamar a atenção do aluno para poder entender os conteúdos. Os estudantes passam a estudar enquanto receptores para logo depois medir esse conhecimento mediante uma

prova. Pois, tal forma de escola não se interessa a relação do conteúdo relacionado ao mundo ou à realidade em que vive o aluno. Não há questionamento, o conhecimento é transmitido como verdades absolutas. A relação social não se define democrática pelo fato que o professor é o único sujeito no ato de ensino e os alunos são aqueles que assistem. Há um currículo classificado que já explica o modo organizacional, indica o professor como quem atua enquanto ativo e de outro lado, há o aluno como passivo e que precisa tornar-se adulto. Os conteúdos pretendem-se generalistas para explicar qualquer fenômeno em qualquer lugar.

Em resposta a essa forma de aquisição de conhecimento vislumbra outra pedagogia e parte desde uma crítica da passividade do aluno para uma escola de experiência. A crítica propõe um novo modelo problematizando os conteúdos escolares. Cabe destacar, neste sentido, a importância da Escola Nova enquanto outra forma de pensar a educação entrando em diálogo com a sociedade de acordo com a especificidade de cada uma. O movimento denominado Escola Nova surge na Europa em vários países como Inglaterra, França, Suíça no final do século XIX e no início do século XX na América Latina. A educação no então toma forma de expressão e fator de mudanças no seio de uma sociedade. Não sempre existiu a escola para criança como salientamos nas páginas precedentes, o movimento aparece em um momento em que deram lugar os sistemas escolares quando Europa passava pela fase do crescimento industrial, o qual interfere na vida dos seres humanos. Uma vez mudadas as relações sociais, surgem outras exigências ao respeito das transformações econômicas de acordo com os ideais sociais e políticos. Conforme a essas, os países europeus vêm duas necessidades (Narváez, 2006):

1. A necessidade de ampliar o sistema educacional para atingir mais camadas populares, que, por muito tempo, estava na marginalização do sistema escolar

2. Melhorar o sistema de ensino conforme ao desenvolvimento do modo de produção capitalista para uma força de trabalho mais qualificada industrial

Dado que a instituição escolar está inserida numa sociedade capitalista, o esforço de atingir mais pessoas é para romper com a marginalização, assim permite a democratização que pretende o acesso, de modo, que os marginalizados possam ter oportunidade de estudar. É a ideia da equalização social que a educação se propõe. Cabe recordar nessa reflexão, é um momento em que o modelo capitalista alcança seu auge em relação à produção de massa. Surgiram o taylorismo, o fordismo e o toyotismo com uma produção sob demanda. Essas indústrias exigem a competência técnica, portanto vale a pena uma educação tecnicista com professores inovadores. A ideia de melhorar a forma de aprender é para ter um sujeito qualificado e dessa forma, ele pode superar a desigualdade ao conseguir inserir-se no mercado do trabalho.

Sendo assim, as relações de Estado e sociedade, tornam-se mais complexas, por conseguinte, é importante a reconfiguração deste Estado com outras funções burocráticas para políticas públicas de inclusão entre as nações e consolidar seus laços. É nesse sentido que argumenta De Puellez Benitez (1993) que a educação pasa a ter um foco substancial com o fim de alcançar a lealdade pregada pelo novo regime baseado nos valores liberais e democráticos, significa que a escola transforma em um aparato ideológico burguês no qual veicula os ideais da classe dominante. Para isso vale a pena o recrutamento de uma elite política capaz de se apropriar do Estado para desenvolver uma consciência de uma identidade nacional.

As rupturas mostram que o movimento da Escola Nova ultrapassam os muros escolares para envolver-se tanto com os fatores da sociedade como os agentes desta. Dessa forma, o ensino deixa de considerar-se como forma de armazenar conhecimento

para *une tête bien pleine*, como dizia Rabelais<sup>2</sup>. A educação vai além, como era definido antigamente para interagir com a realidade social dos indivíduos. Essa escola passa a questionar conceitos como liberdade, igualdade e fraternidade optando na transformação de um mundo ao outro horizonte. A necessidade dessa mudança deve passar pelas crianças, por isso, a Escola Nova tem um olhar em ampliar as escolas, como no caso dos Estados Unidos Associação nacional para o estudo da criança em 1893 (Filho, 1964); situação similar aos países latino-americanos como Colômbia, Argentina, Brasil, Chile e Venezuela com outros contextos distintos dos países europeus.

Então a Escola Nova é resultante de desejos de uma interação social com todos os entes ao contrário da pedagogia tradicional. Eis pelo qual que, segundo Palacios (1978), a Escola Nova é uma resposta em oposição a uma pedagogia baseada no formalismo, e na memorização, no didatismo e na competência, no autoritarismo e na disciplina, enquanto a Escola Nova coloca o respeito para o educando, sua dignidade e aspira a fortalecer sua atividade e a ideia de liberdade e autonomia na criança. A concepção da escola moderna nega a visão generalista que requer a uniformidade, diante disso, reconhece várias correntes de análises distintas. Para seus defensores, essa característica permite a renovação da Escola Nova e leva em conta a peculiaridade de cada país. Assim, na América Latina os nomes tendem a variar. Chama-se, por exemplo, de Escola Moderna que tem seu fundamento na base científica e racional. Significa que não é restringida entorno aos conteúdos, senão considera a interdisciplinaridade para uma maior apreensão do mundo. Integram ciências como pedagogia, psicologia, sociologia. A ideia de ciência é para facilitar a ruptura com o velho modelo mas também para experimentar e fazer parte do ato do ensino.

---

<sup>2</sup>Educador francês da pedagogia tradicional que promove o ensino com a cabeça cheia, quer dizer, aprender e mesmo o que não o que não serve. É só para alegar que vale a pena aprender. É o exemplo na educação de Gargantua que el oferece; filho do rei da época que devia levantar-se e estudar sem fazer nada, é tarefa cotidiana o estudo segundo Rabelais.

Filho (1964) identifica quatro princípios gerais da Escola Nova:

1. É o respeito à personalidade do educando ou o reconhecimento dele deve ser visível.
2. A subjetividade do educando no ato educacional
3. A compreensão do aprendizado simbólico ao respeito da realidade social
4. Leva em conta o capital cultural em relação as camadas sociais

A Escola Nova defende a pedagogia científica (Montessori, 2012), portanto baseia-se na experimentação do educando enquanto sujeito em relação a seu objeto de pesquisa. Esse processo exige a liberdade do educando como ser histórico. Tal sujeito não precisa de adaptação social senão a expansão na vida. Essa prática gera criticidade e reconhece o indivíduo cujo caráter é próprio dele. Assim, o ensino confere o que o educando sabe e também o que ele não sabe. O educador entra em diálogo com o educando para conhecê-lo. É o que muda a relação na sala de aula entre professor e aluno. O professor atua como quem guia, apresenta os conteúdos. Dado a seu caráter de autoridade pedagógica forma e organiza as experiências. No caso do aluno, ele protagoniza a aula no sentido de alguém que se vê envolvido. Nesse ato, ele aprende experimentando. O aprendizado torna-se um ato de aprender a fazer, aprender-fazendo.<sup>3</sup>

#### **1.1.1.1.2 Reflexões críticas à Escola Nova**

A Escola Nova deu um grande salto na história da educação enquanto construção histórica e social. Mostra respeito pela subjetividade do educando no ato de aprendizado. O fato de considerar a liberdade do educando como sujeito é uma ruptura paradigmática com a pedagogia tradicional que considera o educando como um ser a transmitir conhecimentos. Essa ruptura também observa-se no fato de que dar aula não

---

<sup>3</sup>Em nota de aula de Historia da Educação

resume-se em torno de ajudar o aluno a resolver uma prova mas problematizar, provocar discussão para apreender o mundo, é por isso implica o envolvimento do sujeito como sujeito participante na construção de seu mundo. O ensino torna-se democrático em que os envolvidos dialogam. Porém, ao contrário da pedagogia tradicional possibilita nortear-nos para nosso trabalho embora a Escola Nova deixe abertas certas questões que merecem ser abordadas. Por exemplo, a questão de classe não se problematiza como elemento gerador da opressão social e de re-produção das desigualdades sociais. Pretende-se considerar alguns aspectos dessa corrente para análise do nosso tema já que o novo movimento para a escola moderna rompe com o tipo de autoritarismo e a memorização. Pois, veremos o conceito de ensino-aprendizado para entender a ruptura na pedagogia tradicional.

#### **1.1.1.1.2 O ensino-aprendizado como processo de aquisição de conhecimento**

Em uma entrevista cedida em 2011, o professor Rubem Alves<sup>4</sup> (2011) procura estabelecer o que é o papel do professor, diz o pedagogo:

É um professor que não ensina nada, não é professor de matemática, de história, de geografia. É um professor de espantos. O objetivo da educação não é ensinar coisas porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar, criar na criança essa curiosidade.

Entende-se, nesse sentido, que a prática pedagógica se desloca na figura do professor para fazer com que o aluno interaja como sujeito. É uma quebra ao respeito da pedagogia tradicional porque ela reduz a educação como ato de passar conhecimento para ser alguém. Em vez disso, o professor Rubem chama a atenção para estimular a criança o prazer de refletir, pensar a partir de sua realidade. Essa realidade é a cultura, o modo de

---

4 Entrevista concedida em 2011 em que o pedagogo deu exemplos como ensinar com afeto. Acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>

pensar, de ver. Vygotsky é outro pensador que parte dessa mesma análise considerando a cultura.

A cultura deu início na intervenção do homem na natureza. Essa intervenção gera transformação. Para efetivar a intervenção são utilizadas tanto a técnica como a linguagem. A técnica dá suporte à intervenção como trabalho humano. Enquanto a linguagem é para sentido e formas no seu dia dia. Tal é a concepção de Vygotsky em relação ao desenvolvimento e a cultura. Como psicólogo, desenvolve sua teoria na área da educação, portanto, influencia muitos pedagogos na forma em que como o conhecimento se adquire no âmbito escolar. A teoria do autor parte de um discurso histórico-dialético frisando como vem se construindo o conhecimento. Ele constrói seu argumento a partir do trabalho humano que se transforma em cultura humana. A transformação da natureza é entendida como instrumentalização da cultura. Pois, como marxista, o pensador constrói sua teoria na perspectiva materialista. Para ele, o trabalho se transforma a natureza em cultura por meio de processos sociais. No meio de tudo isso, reconhece o homem como um ser transformador. O ser humano, nesse sentido, se desenvolve por meio da cultura Sendo o ser humano como ser social, só consegue isso na cultura e fora dela ele seria um ser acultural, um ser que não teria nenhuma noção da linguagem, da transformação da natureza. Mas também a natureza, partindo da abstração, ela é social e se materializa a partir do mundo em que nós como humanos apreendemo-la. Quer dizer, a socialização da natureza tem a ver também com a linguagem. Essa reflexão nos leva a entender que a humanidade é um resultado cultural que se constrói ao longo da história pelos seres humanose. Baseando-se na cultura como fundamento de sua teoria, Vygotsky é levado a discutir a cultura no ato de ensinar e como ela pode contribuir no desenvolvimento do ser humano. Para ele é a educação que convém a ocupar-se dessa tarefa.

Levada para a escola, a cultura procede em forma de conteúdo e contribui para desenvolver o indivíduo. Então, na escola ocorre o ato de aprendizado como formas

de aquisição de habilidades, informação tendo contato tanto com a realidade tanto com o outro. A maneira de aprender, nesse caso, é uma interação com o mundo exterior a quem aprende. Nesse processo, o aprendizado torna-se como uma troca, é a interdependência dos que se envolvem em tal processo denominado ensino-aprendizado<sup>5</sup>. Faz-se referência aos que são envolvidos no ato de ensino como o professor e aqueles que são chamados de aluno. Essa concepção chama a atenção, de um lado, para a relação entre o ato de ensino e a realidade desse ensino. Ou seja, de que maneira o ensino interfere na vida daquele que aprende. Há a ideia também de considerar aquele que aprende como sujeito. Quando não suceder como tal, o aprendizado enfrenta certas dificuldades o que não facilita condição adequada para tal ação. Ensina-se para capacitar o indivíduo de habilidades para enfrentar o seu mundo desde sua perspectiva subjetiva, enquanto sujeito, para aprender o mundo. O outro na vida de quem aprende é para orientá-lo. É para dizer que o aluno tem faculdades que lhe possibilitam entender o mundo sociocultural, só que não possui capacidade plena de entendê-lo. Essa postura obriga a um professor observar para logo conhecer o aluno e saber da onde partir para ensinar.

O ensino-aprendizado sugere uma educação que considera a criança na medida que parte daquilo que ela possui como conhecimento, então basta alguém para estimulá-la, ela aprende. Trata-se da intervenção do professor para orientar, consolidar o conhecimento que ela já tem e a estimula no que a criança precisa entender. Sendo assim, é levado em conta seu ser ao ponto que não é ignorado no aprendizado que é feito com ela e para ela. Tendo uma atitude participativa no espaço escolar, a criança tende a reproduzir essa situação no seu dia dia no sentido de atuar como ser ativo e não segundo sua obediência porque a forma em que aprendemos fica de forma impregnada no caráter do indivíduo. Por isso a participação da criança gera produção de conhecimento porque o

---

<sup>5</sup>Vem do termo russo obuchenie(обучение) utilizado por Vygotsky que é o ato de abos sujeito(educador e educando) na experiência de aprender. Tal concepção marca uma ruptura paradimática entre a pedagogia tradicional e a pedagogia vygotsiana. Ela evoca a interdependência no ensino.



conhecimento surge no ensino-aprendizado, na pesquisa-participação, na pesquisa-ação (VYGOTSKY, 1984). E como já mencionamos o ato de aprendizagem desloca-se na figura do professor e envolve também a criança, como sujeito de conhecimento. Tal abordagem é uma mudança de paradigma onde há uma redefinição aqueles que ensinam e aqueles que aprendem. Isso leva em conta o respeito para o outro enquanto sujeito cognocente<sup>6</sup>. É a ideia democrática do ensino onde o professor não é o único implicado senão alguém que acompanha, orienta. Porém, isso não significa que ele, como professor, deixa de ser uma autoridade pedagógica, é o que o faz professor pelo fato que tem pouco mais do que a criança.

A teoria vygotskyana rompe com a pedagogia tradicional pelo fato que ela ocasiona diálogo entre os implicados e assim evita uso de conteúdos descontextualizados porque ao conhecer aquele que aprende e considerando-o como parte do ato de aprendizado exige um aprendizado que entra em diálogo com o sujeito. Quando a realidade é diferente do conteúdo, impede o aprendizado. Torna-se, nesse sentido, um ensino mecânico porque a vida da criança rural é diferente da realidade da criança urbana. São duas crianças com realidade diferente. Também o mundo se cria na interação de um com outro, por isso cada criança tem um grau de apreensão do mundo de forma diferente. Então, a vida escolar torna-se a interação entre professor e criança<sup>7</sup>, criança e professor e criança entre criança. É destacado ai o papel do professor como alguém que ajuda a construir o pensamento da criança e não lhe dá um pensamento.

Tal ponto nos chama atenção porque o professor considera o educando como um ser que tem história, além disso é banida a prática pedagógica baseada na memorização. Por isso que o presente trabalho problematiza a pedagogia tradicional

---

6 Conceito utilizado por Paulo Freire em referência a um ser que possui conhecimento enquanto sujeito.

7 Segundo Vygotsky, o ensino-aprendizado se dá relação professor e criança, isso favorece a produção de conhecimento.

através da memorização, forma que impede a participação crítico-reflexiva do aluno. Então, o primeiro capítulo foi uma aproximação do problema ao respeito dessa prática pedagógica.

## **2. Leitura sociológica e política do fenômeno educacional**

No capítulo anterior, definiu-se o conceito de educação e seus objetivos. Assim, situamos a memorização como prática pedagógica que nós propomos de estudar. No presente capítulo se realiza a apresentação das teorias sociológicas para entender o fenômeno educacional dentro do modo de produção capitalista.

### **2.1 Perspectiva marxista da educação**

A abordagem deste capítulo tem como objetivo analisar a educação mediante o arcabouço teórico-metodológico de algumas correntes da sociologia: Gramsci, Bourdieu e Althusser. Eles propõem uma análise crítica para entender o sistema escolar como esfera reprodutora de classe e as relações sociais para manter a ordem vigente. Essas relações sociais estabelecem-se mediante mecanismos que se legitimam. Assim possibilita a entender a memorização como prática de ensino ligado a interesse de classe.

Pois, a perspectiva marxista é relevante para entender a forma em que se dá o processo educacional. De certa forma, o sistema educativo está vinculado ao modo de produção capitalista, o Estado burguês e a democracia burguesa. Conforme desenvolve-se o sistema capitalista, organiza a sociedade pelo domínio técnico humano sobre a natureza. Tal concepção implica a ciência, os aparatos ideológicos, o Estado para manter a continuidade dessa ordem. Deve-se lembrar que o capitalismo é um sistema pelo fato que ele é complexo e sua complexidade vê-se na forma como se estabelece. Conforme ao avanço do modo de produção a escola vem construindo-se. Surgiram métodos de ensino,

especialização. Nessa passagem o mestre<sup>8</sup> é chamado professor também ocorre a feminização do corpo professoral na instituição escolar. Tal período marca uma ruptura partindo de uma escola onde os filhos da nobreza acessavam ao ensino nos castelos as artes, da cavalaria, a importância da honra, das boas maneiras e os filhos da classe popular, trabalhadores de terra, tinham acesso às escolas paroquiais onde aprendiam os valores religiosos e morais e logo depois algumas noções matemáticas e de regras gramaticais da língua latina. Com a Revolução Industrial a escola tende a modernizar-se. O processo de modernização leva a substituição da escola de nobreza no feudalismo para uma escola moderna voltada ao saber literário principalmente o latim e a filosofia, porém as disciplinas científicas eram para as classes domantes.

Pois, a forma em que o sistema capitalista se desenvolve, envolve a sociedade inteira e a educação não escapa. Por isso precisamos entender as mudanças ocorridas ao longo dos séculos. Entendendo como o capitalismo se desenvolve ao longo do tempo, nos faz aproximar como que a educação foi atingida. A Idade Média é um grande momento em que o comércio torna-se mais amplo. O comércio e o aumento da produção geram o capital. Pois, durante a Idade Média, os burgueses compram as mercadorias e vendem-nas a um preço mais alto do que compram; o que sobra é um excedente. Este excedente permite a compra de mais mercadoria. O que faz com que mais dinheiro gera lucro e esse lucro é o capital para Marx. Então, o sistema em que gera mais lucro é o capitalismo. Constitui-se de toda uma rede para se manter. Por isso, no decorrer do tempo surgem os bancos emprestando dinheiro a juros. Aí vemos uma articulação entre a produção social de mercadoria, a circulação e o consumo. De certo modo, qualquer forma de produção está voltada para o consumo e essa produção tem um mercado para ser trocada. Enquanto ao conceito de capitalismo vários teóricos tentam defini-lo, por isso não existe um consenso ao respeito da definição; mas para esse trabalho será definido na visão de Marx.

---

<sup>80</sup> O conceito de mestre foi mudado por Pestalozzi. É conhecido na pedagogia devido a sua contribuição na educação das crianças porque ele entende a sala de aula como um lugar de afeto.

Só que partir deste autor resulta complexo dado que seu marco teórico é não só bem longo, mas também complexo diz Hunt (2005) quem pretendemos utilizar a definição que ele tenta usar. Assim para tentar chegar na definição, vamos ver primeiro o capital e depois o capitalismo junto como seu surgimento. Hunt que é um pensador marxista, aponta que o capital não é uma coisa, mas uma relação social de produção definida, relativa a uma formação histórica da sociedade e que se manifesta em uma coisa (não coisa por se só, relaciona-se com a sociedade dentro de um processo histórico). No entender dele, essa relação com a mercadoria como coisa e a sociedade faz com que ela se socializa. Para o estudioso, o capital é o meio de produção monopolizado por uma pequena parte da sociedade; em outras palavras é uma pequena parte que detém a maior parte da produção social. Em uma perspectiva crítica, Hunt como é lido na história do pensamento econômico, tenta explicar como que se compõe o sistema para logo defini-lo. Pois, na visão do autor o sistema capitalista se mantém no uso de um conjunto de forças produtivas, que tem determinados custos necessários de existência desse sistema. Além disso, há outros recursos como o caso das matérias-primas que devem ser permanente exploradas na natureza. Mas não só isso, entram também as máquinas, ferramentas sem levar em conta de outros implementos de produção, que são geralmente aqueles que se desgastam portanto terão que ser substituídos. Nesse sentido são os indivíduos, que na visão marxista, precisam de uma quantidade mínima de alimentos, roupas, moradia e outros bens necessários para se manter. Tanto as máquinas e a classe trabalhadora permitem a produção e a reprodução do sistema. Então com a evolução histórica de cada sociedade isso vai criar, de modo geral, uma certa dicotomia de duas classes antagônicas; de um lado uma maioria que vai trabalhar para produzir e sustentar o sistema que é o modo de produção, enquanto o excedente vai ser apropriado por um pequeno grupo, o qual tem o controle de tudo. O que vai ser criticado por vários socialistas como no caso dos denominados socialistas utópicos devido ao caráter alienante do sistema. Essa linha divisória se vê também culturalmente, já a Revolução Industrial liderada pela burguesia

aumentou seu domínio no sistema-mundo<sup>9</sup>. Nessa altura, há necessidades de trabalhadores com muito mais qualificação, o que provoca, de um lado, a urbanização e uma demanda para cidadãos mais educados. A burguesia entende necessário que os trabalhadores precisavam algum grau de instrução. O que faz com que ao mesmo tempo que surgiu a escola burguesa, surgiu também a escola proletária. Se para a escola burguesa a formação é voltada para o ensino das disciplinas científicas ou seja até a universidade, enquanto a escola proletária limitava-se ao ensino primário. Essa formação circunscreve em torno da aprendizagem da leitura. É a partir daí deram as lutas pelo direito à educação, acesso livre e gratuito (Paletti, 1989) e também surgiram as escolas politécnicas. Para Krupskaya (KRUPSKAYA, 2017, p. 45) a escolha de uma profissão contribui muito para o trabalho produtivo<sup>10</sup>. É a razão pela qual começaram a falar nos países ocidentais como nos Estados Unidos de “to put the right man on right place<sup>11</sup>” nas fábricas. Por isso é necessário entender o que é capitalismo na perspectiva de Hunt. Pois, para o autor o capitalismo seria um modo de produção bem particular que se caracteriza pela produção de mercadoria orientada para o mercado. Nessa ideia, o autor aponta de quem tem os meios de produção e aquelas pessoas que devem vender sua força sem a qual não podem viver; é necessário vendê-la no mercado. O teórico alega o comportamento individualista e aquisitivo da maioria dos indivíduos dentro do sistema econômico. Essa relação entre a força de trabalho e o salário permite a produção e a reprodução do modo de produção capitalista porque exerce um poder de controle. Para Adrian Valencia (2012), o trabalhador não tem outro meio como única tarefa que é produzir e reproduzir a força de

---

9 Conceito empregado por Anibal Quijano. O período denominado que vai de 1492 marca o início de um marco temporal em que o mundo começou a comercializar utilizando diversas rotas comerciais marítimas. Conforme a isso, o sistema capitalista se expande com o objetivo de ter mais produto e mercados.

10 O trabalho produtivo é um conceito utilizado na sociologia do trabalho em referência ao trabalho vinculado ao sistema capitalista, ou seja, um trabalho que gera acumulação de capital. O que

11 A autora russa Krupskaya, através sua obra descreve a escola como espaço da classe burguesa para reproduzir o modo de produção capitalista.

trabalho é porque sua própria existência repousa sobre o salário. Ou seja, no capitalismo o salário é um modo de sobreviver. Cabe trazer aqui Althusser quem explica a estreita relação entre o sistema escolar sendo aparato ideológico da burguesia e o modo de produção capitalista.

### **2.1.1 A escola na visão de Louis Althusser**

Dado que nosso interesse é a educação, pensamos importante de trazer aqui o filósofo marxista Althusser, quem trabalha de uma forma relevante a reprodução por meio do salário onde também a instituição escolar contribui nisso. A obra de Althusser ganha um grande destaque por entender sobretudo a reprodução das relações sociais e o papel que desempenha a educação como mecanismo ideológico para a ordem vigente. Desenvolve sua teoria dando ênfase ao Estado e a educação. Nesse contexto, sua teoria chama-se a teoria do Estado e teoria da educação como Aparelho Ideológico do Estado (AIE). Althusser, filósofo marxista francês é levado a analisar a reprodução das forças produtivas existentes. Ele constrói sua análise a partir do livro II de O Capital em que Marx acredita que ao mesmo tempo que uma formação social produz, reproduz as condições sociais de sua produção. Para isso os burgueses precisam renovar as máquinas. Para o autor, as forças de trabalho são compostas de indivíduo, devido a isso faz a seguinte pergunta: “Como é assegurada a reprodução da força de trabalho?” É assegurada dando à força de trabalho o meio material de se reproduzir: o salário. O salário figura na contabilidade de cada empresa, como «capital mão de obra» (Althusser, 1970, p. 18)

O trabalhador precisa de mínimo para se repôr para poder voltar ao trabalho. Nesse sentido ele alimenta-se, torna-se, nesse sentido, condicionado às necessidades biológicas. Além disso, pelo fato o indivíduo está submetido às regras da sociedade, ele precisa comprar também roupa e moradia para satisfazer a fadiga corporal, ou necessidades biológicas. Como ele tem uma família para manter, isso o torna ainda mais

dependente do sistema. Por isso vê-se obrigado em vender sua força de trabalho como mercadoria.

O trabalho aliena o proletário ao ponto que ele o naturaliza. Aqui é a relação social do salário por meio do qual ele adquire os bens necessários para sua subsistência como acabamos de ver. Esses bens são condições históricas que constituem a vida do ser humano porque ele precisa não só para um tempo determinado, mas para se reproduzir ao longo da sua vida enquanto ser social e histórico. Então no capitalismo para ter acesso a qualquer tipo de bem ou serviço, é preciso de troca. Essa troca se efetiva por meio do dinheiro. Sendo assim, o dinheiro como papel adquire uma certa confiança ao ponto que deixa de ser um simples papel. Nós o construímos, dando-o um valor social cuja importância nos permite satisfazer certas necessidades por meio de intercâmbio. Tal relação entre dinheiro e aquisição de bens implica um tipo de organização em que a sociedade se organiza de modo que para ter mínimo, tem que vender a força de trabalho, seja ir ao cinema, ou usar o transporte comum, etc. Ou seja é necessário trabalhar para ter um salário e viver como um ser social que interage na sociedade. Como analisa Althusser, ao longo do desenvolvimento do sistema capitalista, aparece a divisão técnica social que faz com que a qualificação é classificada entre os trabalhadores. Isso implica uma divisão ao respeito do grau de conhecimento adquirido de um indivíduo a outro. Entra em jogo pessoas que têm mais conhecimento<sup>12</sup> e aqueles que têm menos; é a relação entre um indivíduo competente e outro mais competente. Tudo está em função do interesse do burguês. Devido a isso, cria-se no sistema de educação uma relação de poder ao respeito do conhecimento. Ao contrário das sociedades onde a divisão social do trabalho se dava em função de cada quem: os que se ocupavam da pesca e a caça. O sistema capitalista chega a organizar tudo, especificamente a educação, de tal modo, que para ser eficiente, requer-se uma trajetória expressada em um currículo capaz de representar o interesse da

---

12 Na obra do autor, explica a qualificação reproduzida de forma diversa e a divisão social-técnica nos seus diferentes “postos” e “empregos”. ALTHUSSER, 1970, p. 19-20

classe dominante. O grau escolar tal como é explicado por Althusser determina a qualificação.

[...] como é que esta reprodução da qualificação (diversificada) da força de trabalho é assegurada no regime capitalista? Diferentemente do que se passava nas formações sociais escravagistas e feudais, esta reprodução da qualificação da força de trabalho tende (trata-se de uma lei tendencial) a ser assegurada não em «cima das coisas» (aprendizagem na própria produção), mas, e cada vez mais, fora da produção: através do sistema escolar capitalista e outras instâncias e instituições (ALTHUSSER, 1970, P. 20).

Então para isso, estabelece-se um tipo de conhecimento válido e há regras sobre como esse conhecimento deve ser produzido. Cria-se uma fronteira entre o que é válido e o que não é. Mas válido em função de quê? Pois, é o próprio sistema que o avalia. Precisa-se de uma rede em forma de organização desse conhecimento respondendo aos interesses previamente definidos. Não é por atoa, há o Estado por meio de um ministério desde acima que determina o que exatamente tem-se que aprender e o que não se ensina. É outra forma para entender a validade de um conhecimento sobre outro; é a estratégia da classe dominante para se distinguir da classe operária. A educação se organiza de modo que tem escolas dispostas de professores para passar conteúdo. E logo depois vem as provas para testar o grau desse conhecimento. Surge a meritocracia de quem domina os conteúdos. Pois, a fronteira fica marcada entre aqueles que dominam os conteúdos que tendem a ter certa recompensa e aqueles que não os dominam tendem a ser castigados como diz Michel Foucault (2002). O currículo serve como mecanismo empregado pela burguesia para permitir a inserção como vendedor de força de trabalho. Althusser (1970) cuja obra tem o reconhecimento importante na comunidade acadêmica analisa a escola como Aparato ideológico do Estado. Então a criança ao entrar nesse aparato vai ser moldada conforme a perspectiva burguesa. Dessa maneira dá-se a reprodução na visão de autor:



[...] é através da aprendizagem de alguns saberes práticos (*savoir-faire*) envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as *relações de produção* de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados (ALTHUSSER, 1970, p. 66).

A instituição escolar para Althusser (1970) faz parte das formações capitalistas maduras. O autor mostra também que a escola como Aparato Ideológico é um mecanismo da classe dominante para manter seu domínio e assim veicular sua cultura.

Na obra intitulada “Aparelho Ideológico do Estado” (AIE), o conceito Aparelho Ideológico de Estado mostra a ligação entre a ideologia e as condições materiais. Tal colocação, como o autor faz, nos deixa entender como se relacionam as condições materiais existentes ao respeito do sistema escolar. Ele aponta que:

[...] o Aparelho Ideológico de Estado que foi colocado em posição dominante nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classes política e ideológica contra o antigo Aparelho Ideológico de Estado dominante, é o aparelho Ideológico Escolar (ALTHUSSER, 1970, p. 60)

Entendendo a teoria althusseriana, pode-se dizer que a escola reflete as relações sociais do modo capitalista. Isso significa que a escola passa a refletir os interesses das classes dominantes para manter os privilégios da burguesia. Assim, as práticas pedagógicas são definidas intencionalmente capazes de representar os interesses das classes dominantes. A concorrência está em relação a quem tem mais ou menos conhecimento onde a educação torna-se tecnicista. É nessa mesma linha que outro teórico Pierre Bourdieu analisa na mesma forma do que Althusser com certa diferença. Devido a essa aproximação Bourdieu é necessário para analisar os mecanismos que geram sucesso de uma classe, e de outro lado a evasão, o fracasso da outra classe. Bourdieu propõe uma análise meticulosa em relação ao sistema escolar como reprodutor.

### **2.1.1.1 Os apoios teóricos de Pierre Bourdieu na sociologia da educação**

Pierre Bourdieu é um sociólogo francês destacado por seus trabalhos realizados no campo da sociologia da educação. Esses trabalhos visam a escola e seu papel na sociedade francesa nas décadas de 70. São trabalhos feitos em base de pesquisa em que mostra a reprodução da sociedade. Essa reprodução nasce a partir do momento em que alguns alunos possuem uma bagagem que o autor denomina capital cultural. Em uma entrevista cedida em um canal televisivo<sup>13</sup> denomina isso como pré-saberes. O que dificulta o processo de aprendizagem. Ao contrário de Durkheim, que entende a educação como uma equalização social que busca e que precisa conseguir a homogeneidade na sociedade transmitindo os valores da sociedade. Pois, Bourdieu entende que há desigualdades sociais e econômicas que fazem com que existem alunos que se familiarizam com grau mais rápido do que outros. Suas reflexões estão em diálogo com o pensador alemão Karl Marx no tocante das classes. Estudou filosofia na Faculdade de Letras e lecionava em Moulins; carreira que vai deixar depois de um certo tempo devido ao serviço militar obrigatório no seu país. Entendendo a importância de tal autor, pretende-se apresentar seus pensamentos no campo educacional e suas contribuições seus pensamentos.

#### **2.1.1.1.1 A legitimidade da cultura dominante no meio da instituição escolar**

Na obra de “Os herdeiros” por exemplo, os autores tentam colocar em xeque a ideia de que a educação é responsável pela promoção da mobilidade social. A escola, devido às origens de diversas categorias ligadas às suas condições, geram sucesso e

---

<sup>13</sup> Entrevista dada ao canal France 5 em 1991 em que explica o sucesso escolar pelo capital cultural. Acesso 16 de agosto de 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=3OddgFd69ks>

fracasso de alguns. De certo modo, procuram mostrar a influência dessas origens sociais e elas são fatores condicionantes para sucesso ou fracasso. Assim, remete-se em xeque a ideia de meritocracia. Assim sendo, os pensadores apontam que:

Bourdieu e Passeron contrastam, por exemplo, o contato distante que os filhos de operários têm como pessoas que cursam ou cursaram o ensino superior e os contatos cotidianos, vividos inclusive na própria família, por aqueles oriundos de meios mais escolarizados, e que se acostumaram a ver o ensino superior como um destino natural (NOGUEIRA M e NOGUEIRA A, 2015, p.52).

A desigualdade escolar dá-se conforme à origem das famílias previamente desiguais economicamente. São desigualdades que tendem a reproduzir-se na sociedade. Nesse ponto, a escola estabelece uma fronteira entre os grupos sociais de acordo a posição que eles ocupam na sociedade. O sistema escolar, dessa forma, favorece mais uma categoria devido a seu caráter burguês. É o que Bourdieu e Passeron argumentam:

[...] os filhos de pais menos escolarizados e mais afastados da cultura socialmente dominante, “a aquisição da cultura escolar é aculturação” (p. 40), ou seja, supõe afastamento em relação a sua cultura original e esforço no sentido da incorporação de uma nova cultura. Ao contrário, para os filhos de pais mais escolarizados pertencentes aos grupos culturalmente dominantes, a aquisição da cultura escolar se faria de forma mais fácil e “natural”, em relação direta com sua cultura original. (BOURDIEU e PASSERON, 2015, p. 53)

Determinada origem dos filhos explica a facilidade ou dificuldade que podem encontrar no ato de aprender. Isso também reflete no rendimento acadêmico; quer dizer, a origem é base para entender tanto o sucesso como o fracasso escolar. Tal fenômeno serve como padrão reprodutor na sociedade e cria as barreiras sociais em forma de classes sociais. O reflexo se vê também com aqueles que, devido à classe oriunda, sabem organizar-se com naturaliza para a realização dos trabalhos acadêmicos, demonstram a responsabilidade, trocam uma atividade para outra sem grande dificuldade. Pois, a noção

de controle que não é relevante, seja, pelos pais ou pelos professores na hora de realizar as tarefas escolares. Como sociólogo, o autor analisa a questão como fato social que tem seus fatores causantes, portanto não o analisa como algo natural senão uma construção social que tem sua expressão na força material. A estrutura familiar de certos estudantes parece-lhes algo muito mais fácil, já que o ambiente em que crescem é similar à cultura escolar, lhes é fácil para se adaptar; o que é diferente dos filhos de outras camadas sociais. Nos termos dos autores, a cultura dominante é uma aculturação para os estudantes que vêm de família menos escolarizadas. Então, a partir daí observa-se uma desigualdade na escola para mesmo realizar as tarefas. Há quem vai precisar de ajuda e quem já sabe para onde e quando começar devido aos hábitos da família.

[...] a AP implica o (TP) como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um habitus como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar –se após a cessação da AP e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado. (BOURDIEU e PASSERON, 2008, p. 53)

Devido a isso, é relevante o conceito de capital cultural para entender o pensamento dos autores. Cabe lembrar que tal conceito ajuda a entender tanto o fracasso escolar que se dá nos meios das famílias afastadas da cultura dominante como também a reprodução da classe dominante. Os autores entendem isso como poder simbólico dado nas relações sociais, grupos de determinado acesso têm privilégios que constituem uma legitimidade<sup>14</sup> e essa legitimidade impõe-se sobre os grupos dominados (ibid 2008, p. 27). Segundo esse raciocínio, o poder simbólico é a expressão da força material. Essa mesma análise foi feita pelo quantitativo Rosenberg Morris no que ele denomina de fluxo de análise. Na análise do quantitativo, ele queria estudar a relação entre a renda do pai e os planos universitários do filho. Dado que o método de fluxo de análise exige uma variável

---

14 Cultura legítima, cultura dotada da legitimidade dominante o que se dá numa sociedade. arbitrário cultural dominante

interveniente. A qualidade da escola é determinante no tocante do que é despertar o gosto para universidade. Os pais ricos têm condição de enviar os filhos para boas escolas e que essas escolas despertam o interesse pela universidade. O autor permite ver que se houver uma relação entre boas escolas, há também essa mesma relação entre escolas pobres e falta de ambição pela universidade. Então para Rosenberg, nas escolas pobres os rapazes estão em contato com professores hostis ou apáticos desinteressados que desencorajam em vez de estimular o interesse para questões acadêmicas; tal situação gera falta de desejo pela universidade nos estudantes (ROSEMBERG, 1976, p. 232).

Vê-se a diferença de classe interfere muito na aprendizagem de um aluno; prova de que o sucesso nas sociedades burguesas torna-se privilegiado. Ele é resultante da força material e dessa força material se dá a reprodução de classe. Também nos aparece uma fronteira entre ambas classes que se reproduzem na sociedade. De um lado, há aqueles que têm condição para frequentar uma boa escola. VA boa escola significa, neste sentido, uma escola que permite superar barreiras sociais e inserir-se no mercado do trabalho. Para essa concepção é o que gera sucesso. De outro lado, aqueles que não têm condição nenhuma porque não crescem em um lugar onde o pai tem o hábito de ler. Para esse grupo, a cultura acadêmica é um mundo no qual se sente estranho. E uma tal situação gera fracasso já que os alunos e acabam desistindo.

## **2.2 O discurso pedagógico e os conteúdos na instituição escolar**

O discurso acadêmico é um mecanismo pelo qual veicula o conhecimento no espaço acadêmico. Tal situação coloca os estudantes na obrigação de ter o uso deste discurso. Não podem utilizar qualquer discurso sob pena de ser penalizado.

Toda instituição sobrevive a partir de um discurso que serve como mecanismo de controle impondo valores, crenças, respeito na hierarquização institucional e assim o discurso descreve-se no que se deve falar ou escrever e no que não pode-se falar. A escola

também é estruturada de maneira hierárquica. Para manter-se enquanto instituição precisa incorporar seu discurso nos estudantes, é por isso, eles tendem a serem submetidos. O que leva a imposição e a inculcação da cultura legítima (BOURDIEU e PASSERON, p. 138). Assim, busca-se as formas de transmitir. Segundo os teóricos, o discurso pedagógico visa impôr a recepção e a controlar a inculcação por meio das sanções impostas pelo professor já que a instituição escolar lhe confere esse direito, ele, nesse sentido, torna-se uma autoridade. Isso significa que a autoridade do professor vem da instituição escolar sendo um corpo administrativo, portanto não é o professor por si só que se coloca nessa tarefa. Entende-se os livros de textos que contêm, em geral, os conteúdos escolares, são selecionados com propósito claro e bem definido. Prestam para reproduzir os comportamentos sociais, por isso, devem ser estes e não outros, tal como os livros de textos. As práticas pedagógicas também não são neutras, há por trás certos interesses que fazem com que são essas práticas e não outras. É o caso da memorização na educação haitiana e por que não outra prática baseada na participação crítico-reflexiva. Pode-se perguntar nesse sentido o que está por trás de tudo isso. A instituição escolar torna-se um meio pelo qual veiculam certas mensagens em que aqueles que transmitem determinada mensagem são capacitados previamente. O discurso torna-se social ao ponto que estabelece-se uma relação social entre aqueles que recebem a mensagem e aqueles que a transmitem. Vale a pena dizer também que existe nessa ação uma relação de poder entre quem tem o discurso e que quem se sente constrangido a recebê-lo. Assim que a inculcação de tal mensagem visa a reprodução de uma geração a outra. É O que faz com que a mensagem pedagógica não se dá por ventura. Nas palavras dos pensadores, eles argumentam que:

Só o fato de transmitir uma mensagem numa relação de comunicação pedagógica implica e impõe uma definição social ( tanto mais explícita e codificada quanto essa conexão é mais institucionalizada) do que merece ser transmitido, do código no qual a mensagem deve ser transmitida, dos que têm o direito de transmiti-la ou, melhor, de impôr a recepção, dos que são dignos de

recebê-la e, por isso, são constrangidos a recebê-la e, enfim, do modo de imposição e de inculcação da mensagem, que confere a legitimidade e, através disso, o sentido completo à informação transmitida (BOURDIEU e PASSERON, 2008, p. 137, 138).

Tal argumento faz entender que a comunicação acadêmica é direcionada a um público específico e se define quem deve comunicar a mensagem. Pressupõe-se uma autoridade pedagógica capaz de demonstrar confiança e cria um valor logo acolhido pelo público.

O Currículo tradicional é criticado por vários teóricos devido a seu caráter passivo, de obediência e pela reprodução dos padrões de domínio que ele gera. Também pelo fato que ele não coloca o aluno junto com o conteúdo para pensar e dialogar. Não há ideia de experiência que gera a aquisição de conhecimento. O currículo tradicional centraliza-se na figura do professor como transmissor de saber. Sendo assim, o professor é considerado como alguém que não erra; é a concepção da “infallibilidade<sup>15</sup>”, do “mestre<sup>16</sup>”. Como autoridade, não tem direito ao erro e também não pode porque a pedagogia pretende conservar o *statatus quo* do professor. É justamente por isso que apresenta o professor como detentor de uma verdade absolutista. Então, a rebelião para uma tal concepção vê-se como perigo dado a sua pregação para a docilidade e a obediência. Colocando-se para perguntar é um ato de arrogância porque você não sabe nada. Parece que o professor conhece seu público e sabe atuar diante dele com esse pressuposto e já o projeta como “nulidade”. Então a ação pedagógica deve passar em uma

---

15Concepção que aparece na pedagogia tradicional que garante o trabalho extremo “ a infalibilidade”. A Reprodução, BOURDIEU, PASSERON p. 141

16 Conceito que se refere ao estudante pressupondo que não tem capacidade e não por parte do professor. A Reprodução, BOURDIEU, PASSERON p. 141

ação que tende a encher o estudante. Diante disso, o estudante precisa ser um receptor passivo porque ele não sabe e quem sabe, nesse caso, é o professor. A ideia de projetar o estudante com um caráter péssimo para aprender deixa entender uma vez mais a qualidade do professor enquanto um ser competente. O fracasso do estudante entende-se como desvio por parte do receptor. O problema nesse sentido está sempre no estudando porque ele é visto como mal receptor. Esse problema não será resolvido na pedagogia, dado que o problema é aidentificado na figura do aluno. É a razão pela qual Bourdieu e Passeron entendem que:

A AP é objetivamente uma violência simbólica, num primeiro sentido, enquanto que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas de uma formação social estão na base do poder arbitrário que é a condição da instauração de uma relação de comunicação pedagógica, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário de imposição e de inculcação (educação) BOURDIEU e PASSERON, 2008, p. 27)

A questão encontra-se na instituição escolar que estrutura essa transmissão. Ela se dá em uma sala de aula por um professor. A divisão da sala é simbólica, estabelece-se uma relação de poder entre estudantes e professor. É a hierarquia escolar em que os estudantes dispostos a aprender, se misturam e o professor está na frente. Essa distinção marca a diferença entre quem é o detentor do saber e quem não é. Nas ideias de Bourdieu e de Passeron entendem que professores e estudantes só obedecem às regras escolares por medo de serem punidos pela instituição escolar. As regras são introjetadas nos estudantes e permitem a naturalização de certos padrões e que geram a predisposição do aluno entendendo que uma boa ou má dissertação exerce uma influência na nota: para baixo ou para cima. O que faz com que o modo de falar é controlado no ponto que há uma fala legítima. Considerando as regras na linguagem recomendada no espaço escolar, é um mecanismo de desigualdade. Ela é construída a partir do momento em que a língua se



padroniza enquanto língua legítima e se internaliza de tal modo que não faz nada que se re-produzir como falar certo. Sendo assim a língua exigida tem um valor social. É dessa maneira que há duas línguas faladas definidas: o falar burguês e o falar vulgar. São os distintos modos de falar em relação às classes sociais (BOURDIEU e PASSERON, p.146). Para eles, as tarefas desempenham a hierarquização na organização e na ideologia dos agentes. Assim, são controlados aqueles que escrevem nessa língua através das correções dos trabalhos. É a razão de ser dos exames numa instituição escolar. É visto como a forma de dizer que o aluno possui o conhecimento a partir de uma nota ou uma prova, de que passa ou não uma matéria ou a reprova. Ter uma boa nota significa ser apto, inteligente e dessa forma se legitima a cultura dominante porque a nota vale a passagem, de certo modo, a legitimação das hierarquias sociais. Pois, as hierarquias sociais começam na instituição escolar. É o que se vê no decorrer do tempo onde a nota obtém um valor social impondo-se. É assim que uma nota consegue um valor até o ponto que é a única maneira que um aluno pode passar de um grau a outro. Constitui-se já uma hierarquia porque todos são cobrados pela mesma prova sem levar em conta a origem familiar. É a nota que permite também de passar de um ano a outro; é o caso por exemplo, da passagem da primária para o colégio. Essa passagem é construída socialmente e ganha também reconhecimento ao ponto que o aluno termina e obtém um título que lhe autorizará de entrar em uma faculdade e tantos outros títulos que se conseguem através de provas; situação que se-produz na sociedade. A hierarquia existe em relação de aluno e professor. Já o professor submete-se aos princípios do corpo administrativo da escola na figura do diretor; enquanto diretor, ele tem outro superior que pode ser um inspetor dependendo do país. Logo depois vem o ministério coordenado pelo Estado. Essa situação se vê em relação de um grau a outro como sair da primária para secundária. Também isso existe de um estabelecimento a outro com o caso de colégio para universidade. Um estabelecimento constitui um centro de conhecimento específico, por isso que a instituição escolar é diferente do colégio e diferente da universidade. Quer dizer, entre os

estabelecimentos há o tema de hierarquia. Da mesma maneira que cada etapa corresponde a um título até conseguir atuar como profissional na sociedade.

Toda essa organização no meio escolar se dá pela consciência de classe das elites porque lutam para manter o dominação. São empregados vários mecanismos para alcançar esse fim. Mas, as relações da força material contribuem para essa continuidade. Por isso, utilizam as instituições especificamente a instituição educacional. Tal caráter expressa a concepção conservadora da classe dominante. Buscam formas de conservar formas, padrões, interesses particulares. Além disso, conseguem legitimar suas ações na sociedade. Em relação à instituição escolar, as elites mantêm a dominação de modo que conseguem espalhá-la devido ao chamado conservadorismo pedagógico. A ideia do conservadorismo refere-se à pretensão de manter o statu quo com critérios estabelecidos de forma a evitar que outras camadas dificilmente tenham acesso. Sendo assim, ficam protegidos seus interesses, privilégios de grupos que permitem a manutenção das relações de domínio. É manter a ordem tal como ela é. Na educação, por exemplo, fala-se de meritocracia onde só um grupo atinge esse nível. Então, estabelece-se uma relação desigual e quando as relações são desiguais, há relação de poder e de dominação. Segundo Bourdieu e Passeron o conservadorismo passa a defender seus interesses com fins de uma instituição particular capaz de contribuir para seus efeitos diretos ou indiretos e assim mantém a “ordem social”. O conservadorismo não atua só no âmbito pedagógico mas também é político e social ao ponto que consegue socializar-se.

Impôr ideias fixas é uma forma entre o que é certo do que é errado. Em relação à educação, o conservadorismo se vê obrigado a defender as formas mais rigorosas como provas, a classificação que vai de uma escala a outra. O conservadorismo haitiano se vê na defesa da língua francesa ao detrimento do crioulo haitiano, relação que dificulta as camadas baixas no sistema escolar com ampla gama de evasão e de fracasso. Essa concepção leva a considerar o francês como língua-padrão, de civilização enquanto o

crioulo haitiano é estigmatizado, de modo que, passa a ser visto como língua de barbárie. Quer dizer o falar francês é o falar certo e o falar crioulo é o falar errado. São padrões sociais construídos a partir da colonização e a elite os reproduz. O acesso restrito à educação e a memorização de conteúdos escolares são mecanismos que possibilitam a apreensão das realidades sociais de forma superficial. Vê-se também no conservadorismo pedagógico a exigência do espírito de excelência em que o aluno deve se esforçar. É uma forma para controlar o comportamento na instituição escolar que são resultantes das relações de força material. O grau de rendimento, dessa forma, é a expressão das forças materiais.

Essa dicotomia é levada a hierarquização entre os alunos. São formas em que se reproduzem os padrões de dominação e de discriminação. Porém parece normal. Por isso Bourdieu e Passeron acreditam que as pessoas mostram-se felizes e tal qualidade faz com que não aspiram a mais nada ao que elas já têm e abençoada seja a ordem. Isso acontece pelas disposições da instituição escolar e acaba-se naturalizar o que deve ser problematizado.

A análise dos pensadores apresenta uma denúncia em relação a forma em que o sistema escolar se reproduz e como ele gera desigualdades sociais. O que faz com que as camadas populares são afastadas devido ao capital cultural, que é apresentado como cultura dominante. Nesse mesmo sentido, Gramsci pensa que as relações sociais de dominação é resultante da cultura dominante. Propõe, dessa forma, um tipo de intelectuais denominados “intelectuais orgânicos”. Eles se encarregariam a trabalharem de modo a equilibrar a cultura e o poder político.

### **2.1.2 A proposta pedagógica de Gramsci**

O pensador marxista fez muitas propostas ao respeito do campo da pedagogia. Por ter sido influenciado pela conjuntura socioeconômica vivida Europa e a classe

trabalhadora, Gramsci entende a dominação se dá pela cultura. Dado a isso, desenvolve uma teoria cujo conceito central é a Hegemonia cultural. Constatando a violência do capital econômico, entende que a organização da cultura deve ser feita pela classe operária para depois tomar o poder. Então, sua proposta contribui para a elaboração do novo intelectual capaz de pensar para sua classe.

### **2.1.1.2 O papel da cultura na perspectiva de Gramsci**

Dado ao contexto que passava na Itália, concebe uma revolução por parte da classe operária e tal mudança pretende atacar a hegemonia cultural instalada, por tanto deve-se fazer na cultura. De acordo com Gramsci quem tem a capacidade de fazer essa mudança são os intelectuais. Eles desempenham um papel bastante importante em vários campos dentro da sociedade como na área econômica e social. Sua função é muito vinculada a sua classe; o que leva o autor a considerar que nenhuma práxis social é neutra. São reflexos da sua camada. Esses intelectuais são aqueles denominados tradicionais, são representantes da continuidade histórica de grandes mudanças. Nessa altura, entende-se que os intelectuais são aqueles que pensam o mundo e causam essas mudanças. Isso significa que os intelectuais são motores da continuidade da classe à qual pertencem. Isso realiza-se através de uma consciência, é ela que contribui nas maneiras de pensar. Gramsci considera que “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 1982, p. 7). O autor italiano aponta que todo homem fora de sua profissão desenvolve uma atividade intelectual, eis pelo qual não há homens que não são intelectuais. Mas, há distintos graus de atividades intelectuais. Ele aponta que os operários não têm seus intelectuais tradicionais. É a partir desse ponto que chama a atenção a um intelectual crítico capaz de transformar seu mundo físico e social através de uma práxis geral.

#### **2.1.1.1.2 A instituição escolar na visão de Gramsci**

Em toda a literatura marxista, a instituição escolar representa o instrumento da reprodução dos padrões da classe dominante e sua reprodução na sociedade capitalista. Gramsci sendo marxista não escapa disso, por isso como outros pensadores marxistas, critica a instituição escolar. Ele mostra a organização da sociedade por meio da escola, ela desempenha um papel ao respeito do serviço do trabalho industrial e aponta o seguinte:

A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a "área" escolar e quanto mais numerosos forem os "graus" "verticais" da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado (GRAMSCI, 1982, p. 8).

Pois enfatiza na maneira em que a escola deve contribuir na formação de um intelectual. O que marca uma ruptura com a escola da sociedade burguesa que faz da escola um instrumento de domínio e de reprodução dos padrões sociais definidos pelo modo de produção capitalista. Segundo esse raciocínio a nova escola não responderá aos interesses da classe dominante e não produzirá um repetidor, um memorizador, um "jakorepèt<sup>17</sup>" que fala em função de uma escola que introjeta dentro dele sua ideologia; ao contrário, vai ser alguém da práxis, um conhecedor, um organizador que tem conexão com vários grupos sociais. O objetivo dessa é aquela da revolução cultural que faz ruptura com a cultura hegemônica. O intelectual não pertence mais ao grupo dominante, senão se torna povo, é do povo e para o povo. Significa pensar a partir das opressões sociais. Mas isso não é um produto, senão um processo histórico; ou seja é preciso de tempo. É dessa forma que pode-se alcançar o equilíbrio numa sociedade. O

---

17Vocabulário do crioulo haitiano que faz referência a alguém que repete sem ter o menor conhecimento do que le repete. A apropriação de tal vocabulário é para referir-nos a uma prática pedagógica em que o aluno só sabe recitar aquilo que ele ouve, mas não é capaz de ir além nos sentido de produzir uma reflexão crítica.

Como os outros teóricos, Gramsci entende que o espaço da escola é utilizado ao serviço da classe dominante como veículo das ideias dessa classe. Essas ideias constituem a cultura dominante. A escola, nesse sentido, é o princípio fundamental que encarrega a formação dos intelectuais para a organização da sociedade assim pode dar continuidade a seu pensamento de acordo a seus valores. No pensamento do autor marxista, é apresentada uma sociedade onde há a disputa do poder entre aqueles que detêm esse poder e que buscam sua manutenção para preservar sua hegemonia. De outro lado, aqueles, por meio da consciência, entendem as relações sociais da dominação e buscam a transformação dessa sociedade.

A perspectiva marxista analisou a organização da sociedade onde a classe dominante transmite seus ideais mediante da escola. Dentro desse contexto, no capítulo a seguir vamos analisar Haiti a partir da colonização, o período da independência para entender a constituição e a perpetuação da oligarquia haitiana. Assim, podemos ver como essa oligarquia apropria-se do espaço escolar ao ponto que as práticas pedagógicas contribuem na continuidade de sua relação social de opressão. Entende-se numa análise crítica que as camadas populares devem constituir-se como sujeitos históricos para despertar a consciência através da educação como prática de liberdade.

A partir dessa abordagem teórica, pode-se dizer que as relações sociais e as práticas pedagógicas em que a memorização predomina explica o domínio das classes dominantes. Esse domínio se vê a través da domesticação da grande massa. Em um sistema que requer a obediência, nos parece que a memorização, enquanto prática pedagógica, contribui na dominação da classe dominante porque tal prática dificulta a criticidade. Ela não permite atos crítico-reflexivos, portanto, favorece o domínio dos grupos dominantes. Tal relação entre classes dominantes e classes dominadas não permite o desenvolvimento de uma consciência crítica para entender as relações sociais de dominação porque o sistema escolar haitiano é organizado pela classe burguesa, então a

memorização reflete seus interesses enquanto classes privilegiadas. Ao não poder questionar é relevante para preservar o domínio sobre as massas. Esse mecanismo de controle é a expressão das forças materiais convertendo em uma relação de poder. O que faz com que aqueles que dominam, precisam daqueles que obedecem e assim dá continuidade à ordem vigente estabelecida. Já que a memorização não problematiza, ela gera acomodação e não a transformação, fortalece ainda o domínio de uma elite conservadora que considera a criticidade como uma ameaça. Por isso, uma protesta deve ser reprimida porque qualquer ato de rebeldia para as elites é considerado como violência e o ator tende a ser visto como inadaptado. A escola, nesse sentido, deve adaptar o indivíduo para conformar-se. Então, cabe ao povo haitiano aceitar a exploração porque o indivíduo alienado vê as coisas na sua superfície (Freire, 2014).

Pois, é a razão pela qual o presente trabalho propõe-se uma aproximação às análises sociológicas sobre as práticas pedagógicas baseadas na memorização que deu lugar a extrema pobreza no Haiti, que é uma relação de opressão. A escola baseia-se nos conteúdos e eles não se relacionam com a atualidade do cidadão haitiano. É por isso que o seguinte capítulo analisará a constituição das bases que permitem essas desigualdades sociais através da escola.

### **3. Haiti e a problemática da educação no período colonial e suas consequências no novo Estado**

Como se pôde ver no capítulo II, a ferramenta teórica sociológica ajudou a entender como a instituição escolar é organizada pela classe dominante para preservar seus privilégios. Assim, este capítulo tem como objetivo analisar o domínio da classe burguesa pela organização do espaço escolar refletindo seus interesses de classe, situação que se dá desde a submissão dos não europeus e sua construção como outro.

#### **3.1 A Colonização e a submissão dos recursos e dos não-europeus.**

O problema da educação é já visto como problemático desde a colonização quando surgiu no sistema-mundo. Esse sistema-mundo pretende-se civilizador com a missão de expandir-se para os povos sem luz. A tarefa enquanto povos escolhidos, é descobrir os outros e levar o evangelho. A religião desempenha um papel relevante. Por isso que os colonizadores são interessados a colocar sua religião para poder dominar sendo um aparato ideológico. Pois, a religião serve, neste sentido, como aparato ideológico para assimilar a cultura do branco e impôr uma estrutura a caráter imperialista. São estruturas mentais eurocêntricas partindo da concepção do que é bom e do que é ruim para manter a ordem vigente, a sociedade escravocrata. Tal fato revela a ideia de considerar-se o centro do mundo. É um processo sistemático e continuado. Ele consiste em submeter os nativos, colonizar o ser humano e a natureza. Foi aí começou a globalização devido a seu caráter expansivo. O contato entre colonizadores e colonizados é uma relação desigual pelo fato que o colonizador se auto define como branco, o que o torna superior. Sendo uma relação desigual, desenvolve-se uma relação de dominação. Essa dominação se observa tanto na forma como o colonizado é tratado mas também seus recursos são despojados em prol do capital e do mercado mundial. A intolerância instaura-se na ideia da cor ao ponto de que os nativos não são tratados como humanos senão como seres inferiores. Intolerância que se manifesta ao respeito do modo de produção local e à religião. Isso ocasiona destruição do modo de produção dos povos e a apropriação das terras, dos metais como ouro, prata, artefato e jóia. A Espanha já vira nesse então, o país mais poderoso por conta dos metais saqueados nas Américas. Investem no seu exército e na compra de navios; quanto mais metais um país tinha, se quantifica o tamanho de sua riqueza e de seu poder. Esse raciocínio mostra quão relevante é este período para Europa porque os metais no então era uma forma de troca para qualquer coisa sendo o dinheiro do mundo. Europa passava pela escassez de ouro e de prata em barra, assim a quantidade de metais é uma expressão de poder. Então, isso vira um padrão; pois países que queriam aumentar sua reserva em ouro, entravam no comércio exterior entre América e África. Aí expandiu-se o sistema-mundo e América Latina passa



a integrar a modernidade. Essa modernidade pretende-se emancipadora, um estado de maturidade enraizado no esforço da razão e essa razão deve levar ao progresso e desenvolvimento dos subdesenvolvidos. O filósofo Enrique Dussel (2000, p.46,) argumenta que: “Denominamos a esta visión “eurocéntrica” porque indica como punto de partida de la “Modernidade” fenómenos intra-europeos, y el desarrollo posterior no necesita más que Europa para explica el proceso”. A afirmação de Dussel deixa entender uma Europa que coloca a si mesmo no centro dos acontecimentos mundiais como se fosse a única civilização. O que revela que História faz-se unicamente na Europa, portanto não há como falar de História unidirecional antes dessa Europa porque ela surge com o sistema-mundo, em 1492.

Esse olhar eurocêntrico expõe a visão de que Europa se descobre e se explica. Não há, para tal concepção, a influência de outros povos. Pode chegar na conclusão de que construíram uma civilização e construíram sua realidade. O eurocentrismo como conceito é ver Europa como centro de produção de conhecimento e de saberes. Novas identidades como índios, negros, mestiços e brancos, surgiram nesse contexto na América. Os conceitos de raça são uma construção que têm a ver com a colonização (ANIBAL, 2005). Nasce nessa concepção a hierarquização social da cor que leva a dicotomia entre branco e negro. O branco representa pureza, perfeição; por conseguinte é padrão de beleza de tudo que é belo, inteligente, desenvolvido. Ao parecer, o branco se auto-entende como mais desenvolvido, superior. Vê a necessidade até a obrigação moral de desenvolver os bárbaros; é a hierarquização da cor criando diferença entre a cor do branco e a do negro/indígena, mas também um mecanismo para consolidar as relações de dominação. Nessa postura, quem faz a classificação é o europeu; ou seja ele projeta o não-europeu e o constrói como outro. Devido a essa classificação, predomina dentro da colônia o racismo. A experiência colonial mostra a cultura dos colonizadores como uma cultura desenvolvida; enquanto a cultura do negro/indígena como subdesenvolvida. As imagens corporais dos brancos associam-se como normais, lindas, avançadas; enquanto as

imagens corporais do negro como uma deformação, portanto é patológica, feia, e retrasada. Quer dizer, a cor negra é vinculada ao mau, a tudo que é satânico, o que era necessário que ele fosse batizado; já que não tinha alma. Vê-se aí, antes de tudo, a justificação do branco sendo iluminado, civilizado e que o outro necessitava desenvolver-se para ter essas mesmas características empregando a violência. É a pretensão do sujeito universal<sup>18</sup>. O egocentrismo do sujeito universal o torna a um ponto que não consegue olhar o outro, vê-lo com suas diferenças. Considera-se como figura singular, porque entende tudo a partir dele, quem não tem suas características é discriminado, no final, nega o outro. É a afirmação de si como sujeito e a negação do outro. Esse outro, ao não ter sua cor, sua língua, sua cultura é considerado como satanás. Eis a razão pela qual os negros e os indígenas necessitavam ser batizados para tirar o espírito maldito. No decorrer do tempo, essas ideias foram se construindo e consolidando-se, não só no período da escravização, mas também ao longo do tempo e até nos grandes centros acadêmicos ocidentais. Cabe recordar que teses científicas alegavam também que existe uma superioridade entre as raças.

No período colonial, o padrão estabelecido faz uso da coerção para impôr a língua do colonizador como língua superior superior; já que para esse sujeito universal, como já destacado, tudo que lhe pertence é universal, pois isso faz com que o escravo tinha que aprender e falar sua língua, e impô-la como cultura hegemônica. No caso do Haiti, a fronteira existe entre o francês e o crioulo haitiano. A língua colonizadora é a língua culta e a outra é a língua selvagem. O que implica que falar o francês no Haiti, é um falar certo, elegante, civilizado, enquanto o falar crioulo é não escolarizado portanto é estigmatizado.

---

18 É a ideia de um sujeito que se entende como único e singular. É uma apropriação para referir-se à discriminação. O universalismo é um conceito empregado por Joan Scott na revista de Princeton University como crítica nas relações sociais de gênero.

Diante das análises expostas, entende-se que o Haiti foi submetido à exploração da natureza e dos indígenas. Dado que a dinâmica do mercado mundial exigia o uso de metais, com base a isso que eles (os metais) foram saqueados. A população indígena foi estimada 1.3 milhão, mas devido ao trabalho ao qual foram submetidos não sobreviveram. O desgaste físico atinge um grau em que não resistiam. É nessa linha de análise que Dorsainvil argumenta que « En 1625, presque tous les indiens d'Haïti avaient été exterminés, la partie occidentale notamment était déserte que le silence n'était troublé que par le rugissement des bœufs répercutées par les forêts<sup>19</sup>». A desapareição dos indígenas é prova de que a força de trabalho é relevante para as relações de produção dado a seu caráter reprodutivo. Sendo assim, deu início ao tráfico humano no comércio internacional dos negros da África. Pois, o extermínio dos indígena encoraja « La Traite Nègrière» para dar continuidade à exploração dos negros submetidos ao modo de produção capitalista e as relações de dominação. Situação que impede a relação de comunicação entre os colonizados a um tal ponto que aqueles de uma mesma etnia foram separados. O culto religioso dos colonizados foi impedido de forma a inculcar os valores religiosos dos colonizadores considerados como valores civilizadores e universais. A relação social do colonizado na colônia era baseada na exploração e produção. O escravo vê-se potencial na dinâmica da economia mundial. A França torna-se uma potência na exportação do café e do açúcar. Submetido na condição de exploração e de produção, o escravo adquire o status de coisa, mas é enraizado na economia do século XVIII. Dados indicam que no ano 1754 Saint-Domingue (conhecido como Haiti) dispõe de 599 plantações de cana e 3379 plantações de anil. O que gerava 72 milhões de libras libra de açúcar em exportação.

Até o século XVIII, as duas primeiras categorias de colonização estavam em melhores condições para gerar riqueza, pois exportavam para Europa metais preciosos e *comodities* muito valorados. As colônias da América do Norte se

---

19DORSAINVIL et les Frères, Manuel d'Histoire, Saint-Domingue, p. 4

limitavam a cultivar grãos para consumo próprio. Na época, Santo-Domingo (atual Haiti) era uma das mais ricas colônias [...] (NOBREGA, 2008, p. 199).

As oligarquias internacionais vão fazer o possível para manter a relação de dominação. É necessário, neste caso, a docilidade do colonizado para evitar o perigo que ele pode apresentar para a ordem social. Mantê-lo na ignorância é utilizado como mecanismo de controle. A educação para o escravo é inculcação dos valores religiosos enquanto algumas escolas eram reservadas somente para os colonos e *affranchis* (HURBON, 2006, p. 1). A primeira universidade no Saint-Domingue fundada em 1538 era reservada para os filhos dos espanhóis, uma forma para renovar a elite e garantir a continuidade da ordem. Surge nesse contexto a importância da teologia política moderna em que os indivíduos têm que submeter-se, já que, é assim designa-se seu destino porque é vontade divina e sua vontade é absoluta. A prática educativa visa a inculcar no colonizado que ao desobedecer a ordem escravocrata é desobedecer a Deus e ele tem que amar Deus. Essa relação busca a obediência do evangelho de um Deus todo-poderoso e quer uma ordem com paz e harmonia (Roitman, p. 168, 2008). É a concepção própria das elites de que há quem manda e quem para obedecer, uma forma para legitimar as relações de poder. Então, requer uma dominação que se fundamenta na coerção, como forma de garantir a ordem estabelecida. Dado que a economia primária-exportadora desempenha um papel para o modo internacional capitalista, é constante a repressão. Apesar das repressões, apresenta-se uma derrota da oligarquia burguesa colonial. Para Roitman (2008):

La necesidad de impedir excesos igualitarios y las ideas republicanas consignadas en el ideario de los afrancesados era un problema estratégico para el devenir de la independencia. La Revolución Haitiana de 1790 no era un buen comienzo y provocó pánico entre criollos y peninsulares. “Era el primer triunfo en América Latina del principio de igualdad, aplicado, precisamente, a una

sociedad fundada ostensiblemente en la desigualdad” (ROITMAN, 2008, p. 163)

Surgiram formas repetitivas de uma série de movimentos organizados com características de resistência. São utilizadas a sabotagem das plantações, pilhagem e o incêndio para conseguir destruir a produção, assim foram destruídas 220 000 plantações no início da revolução. Essa postura constitui uma ruptura paradigmática do espírito positivo. Trata-se de uma pedagogia contra hegemônica de eu conquisto pelo fato que eu penso. A revolução é o contraponto traduzido em eu me defino. Isso deve ser entendido desde o lugar do negro sendo oprimido do sistema-mundo. Outras formas de resistência eram os cimarrões entre os quais Makandal como pioneiro desse movimento. Em 1750, antes da Revolução Francesa os denominados cimarrões sobem aos 3000 pessoas. A unificação desse grupo de cimarrões dá lugar à possibilidade de que o afro se refazer, como aponta o professor Carlos Bauer:

Acorde al proceso haitiano sostengo que empujados por el espíritu de la libertad plena, el hambre, la injusticia del desierto y los malos tratos, los esclavos que lograban escapar se refugiaban en las montañas de Bahoruco como un lugar de resurgimiento **espíritual**, económico, político y cultural. ( BAUER, 2018, p.8)

O fenômeno de cimarrões desempenhava um papel significativo, já que coloca em dificuldade a força de trabalho. Para chegar nessa organização, é pensado intencionalmente porque a educação, como bem já vimos, não é só formal. Então o escape do colonizado dá para trocas de técnicas estratégicas, discutir a liberdade. O vodu, principalmente, ajudou a problematizar o cristianismo como forma de dominação. Essa educação transforma o colonizado como sujeito consciente de sua realidade fazendo-lhe entender a desigualdade social/étnica no qual vive. Essas resistência conduzem à independência.

### 3.1.1 O papel anticolonial do Créol e o Vodou na educação como problematização do período colonial

O Créol e O Vaudou são dois elementos culturais que escrevem-se na agenda de um projeto que visa a organização social e política. O Créol serve como instrumento de veículo entre os *Nègres* capaz de reunir suas almas. De certa forma, contribui para entender o processo de opressão ao qual o negro foi submetido, a injustiça social. Desperta-se a consciência perante os problemas sociais: colonização, racismo e o modo de produção. Também o Vaudou, de por sua origem, deu a possibilidade de problematizar o Deus dos brancos como dizia Boukam<sup>20</sup>. No dia 22 de agosto em 1791 uma grande cerimônia foi presidida por Boukman em Bois-Caïman, sacerdote do vodou, onde os escravos mantiam como lema viver livres ou morrer. Busca-se, nesse sentido, uma organização societal onde a escravidão não existe mais e cada quem consegue a liberdade. Para o historiador Charles Tardieu ele pensa que: « *Le vaudou dépasse alors le simple niveau de religion pour devenir cet espace de voix politique capable de faire opposition au curriculum de l'instruction religieuse judéo-chrétienne au service du colonialisme et de l'impérialisme naissant*» (TARDIEU, 1989, p.19.). Com o vodou, o sujeito se constitui consciente de sua própria realidade. O vodou enquanto cosmovisão do negro é o paradigma ao sistema-mundo. A pedagogia do sistema-mundo é a pedagogia religiosa que tem como objetivo de inculcar as noções religiosas que visam a obediência para manter os padrões de domínio. Enquanto os colonizados, por meio do vodou, desenvolviam a pedagogia de reexistência e de resistência ativa.

#### 3.1.1.1 Educação na sociedade pós colonial

---

20Boukman é sacerdote do Vaudou que acreditava que o deus do colonizador é malvado. Encabeçou a cerimônia religiosa em ato de resistência ativa à escravidão.

A independência coloca em xeque o projeto civilizatório dos europeus. Em geral, o projeto ocidental o que tem que ser dito e quem tem poder de proclamar certos discursos sobre certas realidades. A independência, nesse sentido, abre outro paradigma para pensar como sujeito com direitos políticos. Esse marco constitui, antes de tudo, uma ruptura paradigmática da história universal que dá lugar a uma pedagogia de resistência e de reexistência como já salientamos. Tal período é a quebra de um ensino que, em um primeiro lugar, rejeita os valores africanos, rechaço à identidade negra; por outro lado, promove os valores ocidentais cristãos que inculcam a obediência de forma que os colonizados cheguem a aceitar sua condição de opressão. Apesar das disputas políticas que conhece o país, a pedagogia da resistência prevalece.

#### **3.1.1.1.1 A educação na perspectiva dos libertadores e das libertadoras**

Na literatura da luta pela independência, expõe-se geralmente as figuras masculinas, um comportamento que tende a invisibilizar as libertadoras. O objetivo aqui pretende-se romper com esse paradigma porque tanto mulheres como homens deram sua vida pela liberdade e direitos políticos da nova nação. Só que para o trabalho vamos fazer ênfase sobre aqueles que governaram. Cabe lembrar que esse fenômeno surgiu na relação entre europeu e indígenas, já que as mulheres desempenharam cargos antes mesmo da colonização. É o caso da rainha Anacaona denominada a flor de ouro segundo Edwin Danticat (2005). Anacaona era poetessa e dançarina, foi rainha do Cacique de Xaragua. Tal cacique desapareceu com a colonização e ela foi executada. Como mostrou-se na guerra da independência, esse conjunto de lutas leva a independência. Então, depois do período colonial, a jovem nação passou a organizar-se como uma república. Define-se um regime com metas claras sobre tudo no governo de Dessalines. A economia controlada pela metrópole durante a colonização passa ser controlada pelas autoridades do país agora independente. Se no período colonial o negro sendo escravo era definido como coisa, com o novo estatus, ele é livre cidadão. São aqueles e aquelas que lutaram na

guerra de independência que vão no comando. Mas aqui para entender o processo de educação, trabalhamos com os quatro governadores porque o objetivo não trata-se de analisar a independência, senão buscar a relação que existe entre ela e a educação. Esses libertadores destacam-se pelo fato que são os primeiros a governarem o país. Eles, como acabamos de citar, em relação a seu tempo respectivo, dão prioridade à educação como um direito e buscam educar para projetar um novo país. Toussaint, Dessalines, Pétion e Christophe, todos tinham propostas ao respeito da educação para esse país independente na ordem mundial vigente. Para o propósito do presente trabalho, nos parece importante ver em breve seus períodos e sua visão em relação à educação.

### **3.2 Toussaint e suas ideias educativas**

Foi um escravo negro de origem africana. Nasceu na colônia de nome Toussaint Bréda já que nasceu no bairro de Bréda, seu pai é filho de um príncipe na África; significa que o avô de Toussaint. Durante a guerra que ocorria na sua tribo, foi encarcerado e logo depois vendido e embarcado no negreiro como era comum o comércio do tráfico. Admirado por seu senhor devido a certas qualidades, deu-lhe certos privilégios na fazenda até estava encarregado de cinco escravos. Casou-se na colônia e teve oito filhos dos quais nasceu Toussaint que foi o último da família. A educação não era designada como um direito para os escravos, cujos saberes são ligados as suas tribos respectivas da África. Toussaint foi ensinado a falar o francês, aprende algumas noções em geometria e algumas técnicas em relação ao cuidado do rebanhos e das manadas. Ligado aos saberes populares das tribos africanas, aprendeu sobre as plantas medicinais; conhecimento aprendido com o pai. Segundo James (2000, p. 34) Toussaint foi descrito como um negro inteligente, isso lhe valeu o cargo de cocheiro do seu senhor. Esse cargo era reservado para pessoas com uma educação formal do então. Como seu pai, beneficiou-se de certos privilégios e foi declarado libertado. Representou protetor de sua ama quando os movimentos de resistência desencadearam na colônia. Durante o momento em que deu



lugar a escravos revoltados, passou a lutar junto a eles. Além das experiências adquiridas enquanto administrador de gados e como cocheiro, também foi um autodidata e pôde ler as táticas militares de César para desenvolver a arte militar. Tanto Toussaint como sua esposa, ambos tiveram vivências diferentes em relação aos outros escravos que foram vítimas de atrocidades dos brancos. Toussaint desempenha suas técnicas de guerra, enquanto Suzanne Simone Baptiste Toussaint dedicou-se na educação dos filhos.

Para James (2000) Toussaint lutou não só pela liberdade mas também pelos direitos políticos. Ele encabeçou, nesse sentido, os primeiros movimentos de resistência de 1791, período que marca a abolição da escravidão na colônia de Saint-Domingue. Ele é reconhecido como o precursor da independência e a partir daí adquire o nome Toussaint L'Ouverture, nome que muda também em Louverture<sup>21</sup> sem apostrofe. Devido a sua estratégia foi descrito como um diplomático. Tornou-se governador da Ilha em 1799 e dois anos depois, já teve o controle da Ilha. Por isso, em 1801 dotou a ilha de uma constituição. Segundo o historiador Louis Joseph Janvier (p. 21, 1886), o artigo 68 desta constituição deu a possibilidade para que houvesse iniciativas privadas ao respeito de instituição escolar sob controle dos municípios. Essa decisão mostra o desejo de Toussaint pelo assunto. Mostrou-se aberto à educação, mas o próprio governo não tinha nenhuma escola. Sendo governador de uma colônia, enfrentou diversos problemas sociais oriundos de classes sociais distintas. Na ideia de submeter novamente os libertos na escravidão, Napoleão mandou tropas no objetivo de restabelecer a escravidão, assim Toussaint junto a sua família foram capturados 7 de abril de 1802 levados para França onde Toussaint morreu em Fort de Joux. Sua deportação marca um fracasso para a ideia de educação, mas abre brecha para a proclamação da Independência.

### **3.1.2 Dessalines e sua perspectiva da educação**

---

21 No francês ouverture tem como significado abertura, pois Toussaint adquiriu esse nome por liderar e ter contatos com as distintas classes sociais mas também alega-se teria esse nome devido a seus dentes.

Dessalines nasceu na colônia com o status de escravo. Sendo escravo, pertenceu ao branco cujo nome é Duclos e logo depois herdou o nome de ex libertado chamado Dessalines. Ao contrário de Toussaint, pode-se observar no seu corpo as marcas das chibatadas. Transformou-se em um radical na sua concepção de independência porque reconhece-se enquanto oprimido do sistema escravagista. Foi lugar-tenente de Toussaint e participou na insurreição de 1791. Depois da deportação de Toussaint utilizou o mesmo instrumento forjado por ele, o exército indígena. Mostrou-se forte e valente ao valor da liberdade. Como parte da cultura das tribos africanas, aprendeu muitas técnicas de geografia com sua tia Montoy, uma exescrava da colônia. A filha de Dessalines também que lutou junto com Dessalines é Catherine Flon conhecida pela bandeira que cosiu, enquanto sua mulher Marie Claire Heureuse cuidava os feridos levando medicamentos.

Além da preocupação ao respeito da liberdade, a manifesta também para a educação. Ele foi quem proclamou a independência de por sua liderança que reúne brancos e negros, é o primeiro pacto político do Haiti. Pois, a proclamação da independência colocou Haiti como primeira nação negra independente. Perante isso, surge a necessidade de colocar-se para defender as raças humanas e preservar a independência. Já a tarefa torna-se complexa diante da ameaça das potências colonizadoras em um sistema em que rebelar é um pecado. Depois da independência, Dessalines proclamou-se imperador no nome de Jacques I<sup>o</sup>. A constituição (PRESSOIR, 1914) do governo de Dessalines de 1805 no seu artigo 19 estipula que: “Em cada divisão militar, uma escola pública será fundada para a instrução dos jovens”. Segundo o mesmo autor, o país contava com seis escolas. Pois, ele reconhece o direito à educação, mas dado ao espírito da época, a jovem nação tinha interesse em proteger os valores adquiridos como liberdade, independência. Essa escolha explica-se por uma possível invasão dos franceses. Numa lógica geopolítica, era necessário convencer ao inimigo de qualquer tentativa de invasão, para isso Dessalines ordena a construção de fortalezas no país inteiro para ter controle de todo o território. É uma lógica defensiva também uma vez que os franceses foram atacados. As mulheres não

são isentas diante as violências na colônia, em virtude disso, não há registros de criança para estabelecer instituições escolares. Mas, a população tinha grande desejo de educar-se. É nesse sentido o estudioso haitiano aponta que:

*un jeune cordonnier de Port-au-Prince avait découvert dans une cave une vieille grammaire de Lhomond qui a servi à l'éducation d'un grand nombre de jeunes gens dans notre capitale, après l'évacuation des Français ; les uns se réunissaient chez le cordonnier pour étudier en commun ; d'autres copiaient le petit livre chez eux dans un manuscrit (FRANÇOIS, 2010, p.34)*

A pesar de que não havia escola, mas o desejo expressou-se. Os ex escravos queriam educar-se para o destino do país.

### **3.1.1.2 A crise social e a educação**

Uma pequena classe constitui-se a elite do país logo da independência; são os *affranchis*<sup>22</sup>, filhos dos colonos e os generais que participaram na guerra de libertação. Dado ao caráter privado do sistema escolar, eram os privilegiados que tiveram a condição de pagar. Os filhos dos colonos, geralmente realizaram seus estudos na França. Sendo, assim dentro da maioria composta de ex escravos não havia profissionais capazes de educar enquanto aqueles que receberam sua formação na França, o caráter conservador, faz com que não há desejo de compartilhar o conhecimento com a massa.

#### **3.1.1.1.2 A crise econômica e a educação**

A estratégia do movimento de libertação deu fruto ao ponto que conseguiu expulsar os colonistas e declarar a independência. Essa independência enfrenta uma série

---

<sup>22</sup> A luta des *affranchis* era muito diferente da dos escravos negros porque eles eram livres pelo fato que eram filhos dos colonos, quer dizer, eram livres. Lutavam para obter tanto liberdades políticas como civis enquanto os negros lutavam para obter sua liberdade fundamental, isso significa que, os negros lutavam contra da escravidão. A luta dos *affranchis* no Saint-Domingue era diferente dos escravos; já que, os *affranchis* conseguiram se unir com os colonos à sua causa, o que era o caso dos escravos.

de crises econômicas porque as plantações foram destruídas, portanto não há como manter o comércio de forma como era antigamente. Pois uma economia minada em que os filhos dos colonos constituem uma classe de latifundiários; enquanto os ex-escravos sobreviviam nos meios rurais. A escola constitui um espaço de poder para aqueles que têm privilégio onde estudar se define em relação das forças materiais. Para Pierre Enocque (2010), nas poucas escolas privadas que houve, o custo era por matéria. Quer dizer, supõe-se que haverá sempre uma classe que tem acesso a essa educação pelo fato que define-se em relação às forças materiais. Já uma relação de desigualdade deu lugar, é a marginalização de classe. Essa desigualdade que vê-se dentro da escola reproduz-se também na sociedade, é o que explica que a classe dominante consegue manter-se no poder porque além de possuir o capital econômico, possui também o capital cultural. Como Haiti apresenta-se como uma Ilha independente no meio das grandes potências, as pressões no cenário internacional coloca em risco qualquer projeto em termo de desenvolvimento porque a França considera uma colônia em rebelião. Daí a independência vê-se como uma ameaça para as outras colônias, então deve pagar o preço que é rebelar contra a ordem internacional e como consequência França não reconhece a independência. Por conta disso, as potências como Inglaterra, América do Norte não queriam comercializar com o país porque é um perigo porque as outras colônias<sup>23</sup> podiam rebelar (BELLEGARDE, 1914). É nessa perspectiva que era muito mais fácil construir fortalezas em vez de construir escolas com o objetivo de proteger-se de uma possível invasão. A crise econômica reflete também na política.

#### **3.1.1.1.2 Crise política e sua consequência na educação**

A república surge numa resposta à ruptura do paradigma do então, que são a colonização, a escravidão e o racismo. A colônia é governada pela metrópole, hoje pelos ex-escravos que buscam uma forma de organização social igualitária. A luta para esse

---

23BELLEGARDE Dantès, *Haiti et ses problèmes*, Montréal, valiquette, 1914. p. 40.

caminho leva ao conflito de classe. Depois dos processos das guerras de independência no Haiti, como no caso de vários países da América Latina, os países entram a Commodities que constitui em vender os produtos primários enquanto a terra concentra-se na mão da oligarquia os chamados, *propriétaires fonciers*. No caso haitiano, deu lugar para a constituição da nova oligarquia nacional. Essa oligarquia constitui-se das famílias descendentes de franceses apropriando-se dos poderes políticos. Para uma distribuição das terras, Dessalines emprega a reforma agrária denominada “Le Caporalisme agraire<sup>24</sup>”. A reforma agrária de Dessalines leva em conta a injusta distribuição dos bens do país e as oportunidades detidas pelas elites. Entende-se que essa riqueza constrói-se socialmente durante o período da colonização submetendo os africanos. As medidas tomadas constituem um processo de transformação das condições sociais que os novos libertos enfrentam. Ele propõe para incorporar os marginais na sociedade, assim pode combater as desigualdades sociais vindas da escravidão. Por isso a constituição de 1805 alega que: “Toute propriété qui aura appartenu à un blanc est incontestablement et doit confisquer au profit de l’État Haitien<sup>25</sup>”. A visão exposta nessa constituição é evitar uma nova instituição da opressão dos brancos em relação aos negros; velha forma de dominação da colonização. Dessalines mesmo pronunciava essas palavras “Les noirs, dont les pères sont en Afrique, n’auront-ils rien?”<sup>26</sup> Dessalines coloca a problemática da desigualdade entre brancos e negros depois da independência. A expropriação de bens é uma das medidas controversas porque coloca em perigo os interesses da classe dominante constituída depois na colonização. A nova elite vê-se ameaçada e como consequência Dessalines foi assassinado e a jovem nação mergulha na crise. O assassino do libertador é signo de uma

---

24 O Caporalisme agraire é a reforma agrária empregada logo depois da independência que visava a redistribuição da terra em favor dos exescravos visto que a terra concentrava-se na mão dos filhos dos colonos. O que constituía já uma desigualdade. Tal medida optou por quebrar com esse paradigma.

25Constituição imperial de 1805

26Louis Joseph Janvier, *Les affaires d’Haiti :1883-1884*, p. 44

luta de classe entre um Estado constituído de ex escravos, que pretende-se popular combatendo as desigualdades sociais, mas as forças dominantes ainda existentes não deixam; situação que conduz à morte do líder como foi mencionado. O fracasso do projeto de Dessalines baseado numa organização social igualitaria, tal projeto foi derrotado; o que deixa grandes consequências na educação. O conflito que opõe a oligarquia e a grande massa popular composta dos negros, leva a cisão do país em duas partes onde cada um desenvolve uma visão educacional distinta. Os dois líderes, Christophe et Pétion têm origem social diferente, portanto vê o mesmo país de uma maneira diferente. Socialmente, suas políticas refletem na forma de governar sua região respectiva. É o que faz com que no Norte Christophe desenvolve uma política que visa a grande massa cuja visão baseia-se na redução das desigualdades sociais; enquanto Pétion fortalece e protege o Status Quo de sua classe no Oeste do país.

### **3.1 Henry Christophe e sua visão na educação**

Exescravo negro da ilha das Granadas, foi deportado para São Domingo. Lutou pela causa da independência e ocupou o cargo de tenente no governo de Toussaint. Após a morte de Dessalines, tornou-se presidente e logo depois rei sob o nome de Henry 1<sup>o</sup>. Sua contribuição nas guerras da independência é enorme. Viveu o período da escravidão, desenvolveu estratégias para evitar que os franceses voltassem. Para combater a recolonização e em nome da liberdade, Christophe dispõe tudo o que tem um general em rechaço à escravidão. Na sua lógica defensiva geopolítica e estratégica, ele queria convencer os colonos diante qualquer invasão. Geograficamente, o Norte do país havia pessoas com a pele mais escura do que no Oeste. Sendo exescravo, a escravidão marca sua vida, de certo modo, queria que seus cidadãos fizessem ruptura com essa cultura consciente da reprodução dela. Como medida, aproxima-se da cultura inglesa introduzindo o inglês como lingua-padrão, a religião anglicana e o modelo educacional britânico também. Para Leslie Manigat (2001) o propósito de Christophe é estabelecer a

educação para todos com metas claramente definidas. O objetivo, nesse sentido, é desenvolver um saber com ênfase na ciência e na técnica. Tal educação visa a preparação de uma elite burocrática para as funções burocráticas. Dado ao caráter predominante racista do século XVIII, educar para ele (Christophe) mostraria a capacidade que alguém possui independentemente de sua cor. Vê-se a educação, neste caso, como instrumento de defesa da soberania nacional e que pode promover a igualdade das raças humanas por meio da competência. Cabe lembrar que o século XVIII, a ideologia de raça estava enraizada no discurso europeu; eis pelo qual os exlibertos queriam romper o paradigma. Educar o cidadão vai ser para consolidar a independência do país, dotando o haitiano a capacidade para autogovernar-se. Há nessas ideias a preocupação pela liberdade já que o exescravo não queria reviver a situação da escravidão e o rei está convencido de que não há diferença entre as raças. Dado que trata-se de um reino, a formação do cidadão é para a honra, glória, segurança, grandeza porque queria uma influência do reino em comparação a seu adversário do Oeste, Alexandre Pétion. Entendo o contexto ao qual vive o Haiti, as pressões por parte das potências faziam sentir-se porque não queriam aceitar a independência, então a educação como aparato ideológico, podia produzir um saber com prestígio capaz de garantir a imagem do novo país, a aceitação, o reconhecimento e o renome internacional. Opta para uma revolução cultural para romper com os padrões da colonização francesa e é justamente por conta disso que coloca o rechaço do francês como língua e opta pelo inglês e a religião anglicana. Acredita que é melhor a cultura anglo-saxã sendo a maior civilização<sup>27</sup> da época.

### **3.1.3 Estrutura da educação em Christophe**

Convencido de que a educação pode ter um impacto tanto na soberania como no reino, utiliza a coerção para exigir que todos enviassem os filhos para escola.

---

27 Leslie F. Manigat, historiador haitiano que qualifica Henri Christophe como um presidente progressista.

Devido a admiração pela cultura britânica e sua busca na obediência, Christophe mantém contato com professores britânicos. Os primeiros contatos se realizam com Wiliam Wilberforce e Thomas Clarkson no objetivo de encontrar recrutamento para professores. Por meio de correspondência, são contratados mais de dez professores britânicos enviados por British and Foreign School no Norte do país, reino de Christophe. Isso ocorre entre 1816 a 1820. O químico e físico John Daniell, Georges Sweet, William Simmonds, Thomas Oxley e o afro-americano Prince Saunder. Enquanto a Prince, era um antiescravagista que lutava pela emancipação dos negros nos Estados Unidos. Participam na idealização de escolas e formação de professores haitianos. No então, a pedagogia de landcaster é o método empregado nas escolas devido a seu caráter. O método landcasteriano vem em honor de Joseph Landcaster, desenvolve-se uma nova técnica pedagógica para ensinar as crianças. O chamado método landcasteriano foi difundido tanto nos países centrais como nos países latino-americanos. No caso do Haiti, o emprego é para facilitar Haiti como um país que acaba de sair da escravidão com uma escassez de professores. Pois, o método landcasteriano consiste em educar muitas crianças numa mesma sala de forma eficiente. Sendo assim, as crianças mais avançadas passam a ajudar seus colegas. Um professor podia ser responsável de 200 ou mais crianças, isso interfere no custo por criança. Além disso, procede-se em dar aula em grupo organizado de dez crianças com um monitor que é a criança com mais idade e de mais capacidade também preparada previamente pelo professor. No reino de Christophe, o método landcasteriano é empregado porque inculca ordem, disciplina, prêmios e castigos corporais que visam a obediência. Segundo Thomas Madiou o colégio real era dirigido por dois professores onde ensinam Matemática, ciências físicas e letras.

Tabela com algumas escolas lancasterianas na região do Norte

Escola

Fundada

Diretores



Cap-Henri	Outubro 1816	T.B. Gulliver
2. San Souci	Maio 1816	J. Emmanuel
3. Port-de-Paix	Abril 1817	T. Papillon
4. Gonaives	Maio 1817	W. Simmonds
5. Saint-Marc	Novembro 1818	T. Duchesne
6. Port-Royal	Dezembro 1819	J. Hilaire
7. Limbé	1820	H. Desouby
8. Borgne	1820	Phanor
9. Jean Rabel		Pierre-Louis
10. Plaisance	1820	H. Fontaine
11. Dondon	Relatado por Richard Hill em visita	

Fonte: MANIGAT Leslie F, L'Eventail d'Histoire vivante d'Haïti, des préludes de la Révolution de Saint-Domingue jusqu'à nos jours (1789-1989)

### 3.1.3 Pétion e sua visão educativa

É filho de uma crioula e de um branco. Lutou ao lado do exército pela batalha da independência. Por ser filho de um colono, realizou seus estudos na França o que faz com que inculcou ideias liberais<sup>28</sup>. Instalou-se no país a instabilidade no governo de Pétion. É simbólica a figura de Pétion porque representa os interesses de sua classe.

---

<sup>28</sup>Il a appliqué le laisser-faire. Rapporté para Thomas Madiou

Assim, promove uma ruptura com as ideias de Dessalines que confiscou as terras; ao contrário, ele distribuiu as terras aos oficiais, isso gera desconforto. Suas realizações não figuram como as maiores do país. Fundou um liceu para meninos e um internato para meninas. Porém, Pétion mantinha as ideias antiescravagistas e anticolonialistas como os demais, é nesse sentido, deu apoio ao libertador Simón Bolívar em troca de libertar as colônias espanholas<sup>29</sup>. Se Christophe decidiu romper com os legados dos franceses na cultura, Pétion mantém o francês como língua oficial. A educação para Pétion era para renovar a classe política. É um problema já no início da jovem república o acesso a um grupo restringido à educação. Em relação à grande maioria da população, tal concepção representa a desigualdade social e uma relação de uma classe sobre outra.

Perante esses fatos, o problema da educação permanece mesmo depois da escravidão. De um lado o vigílio em defesa da independência torna-se uma prioridade, de outro lado, o embargo piora a fragilidade da economia. São duas situações que Haiti enfrenta mais de um século além de outros problemas vinculados às classes sociais e às crises políticas. Apesar de que o primeiro pacto político surge entre mulatos e negros para que a nação possa existir, apresenta uma certa fragilidade porque determinadas categorias sociais mantêm ainda a estrutura dominante, portanto querem manter seus privilégios. É uma situação que expressa-se na educação visto que os mais pobres vivem na marginalização econômica e conduz a uma marginalização cultural. Primeiro, ambos os líderes durante a cisão do país não problematizam o Créole como a língua da grande maioria. É uma educação que reproduz os mesmos padrões da sociedade escravocrata enquanto a elite domina. Já a escola funcionava em francês e não em Créole. A elite consegue adaptar-se sem problema porque é sua cultura. Por conseguinte, as camadas baixas careciam dificuldade para desempenhar num ensino que se faz fora de sua língua.

---

29 Tal caráter expressa o lado humanista do Haiti na sua luta anticolonialista e escravagista. Pois, sendo a primeira nação negra livre, Haiti coloca-se no avant-de-garde para defender o conceito de liberdade. São valores que colocam em xeque o paradigma universal onde a escravidão serve para a dinâmica do Sistema-Mundo.

No caso de Henry Christophe, embora pretenda pôr uma educação para a equalização da sociedade, mas apresenta certos problemas. Primeiro, a língua é o inglês enquanto a grande maioria fala o Céole, ou seja, não leva em consideração a grande massa. Uma educação com uma proposta em que a língua não é a língua da população tende a reproduzir um grupo enquanto a maioria permeia na alfabetização. Tendo o inglês como idioma do ensino é excluir os exescravos que nunca tiveram a oportunidade de estudar. Além disso, é uma relação hierárquica de uma língua em relação a outra porque tal ensino não pensado para uma população cuja maioria fala Créol. Então é uma discriminação linguística que propõe uma postura eurocêntrica em detrimento de uma língua de origem africana. Considerando que uma língua carrega cosmovisão, emoção, afetividade; o ensino em inglês poderia ser um mecanismo de dominação através da instituição escolar.

O segundo problema que a proposta educativa apresenta, é um modelo urbano. Todos os centros escolares e universitários encontram-se na cidade. Já o modelo reproduz o modo de viver europeu porque na cidade tudo tem que realizar-se. Naquele momento a maioria da população vivia nos meios rurais porque eram em grande parte camponeses. É um modelo que pretende dividir o reino em cidade e o espaço rural; enquanto o cidadão urbano é o culto e o cidadão rural é o não culto. De um lado, é a reprodução da discriminação e de desigualdades sociais, modelo reprodutor da Europa. De outro lado, não havia representatividade porque em termo quantitativo, como já frisamos, eram seis escolas públicas e ainda restringidas a uma categoria particular. A educação é reservada para as elites e não para a grande massa. Quer dizer, já depois da escravidão a desigualdade permanece na sociedade.

Diante de tudo, o caráter destacado nos dois modelos de educação é o caráter de resistência e de defesa à independência. Com Henry Christophe é uma pedagogia de resistência na luta pela conservação e defesa da liberdade. Ao respeito de Alexandre Pétion, defende também a liberdade e a independência dos povos. Além disso, se

solidariza com demais povos da região latino-americana. É a razão pela qual deu apoio a Bolívar. Essa atitude é o caráter liberacionista de sua pedagogia. Ambos revolucionários compartilham uma mesma causa, a de preservar e defender a liberdade ameaçada no cenário internacional.

### **3.1.1.1.3 Pagos do tributo à independência e sua consequência na educação**

Logo depois da independência do Haiti, a oligarquia da jovem nação não demora em monopolizar os bens do país já frágil economicamente. O que gera sempre constantes conflitos de classe na jovem nação. Após a morte de Alexandre Pétion, surgiu Jean Pierre Boyer como novo presidente. A elite que constitui de filhos de excolonos, não tardam em colocar um novo governo capaz de representar os interesses de sua classe no objetivo de manter seus privilégios de classe e evitar que Christophe tomasse a região. Como também Pétion, Boyer estudou na França, pela mesma razão, ele compartilha os mesmos ideais liberais. A disputa que envolve o Norte e Port-Au-Prince com duas visões do país não alcança seu fim com Boyer no poder. O Norte combate às desigualdades sociais legadas pela escravidão criando escolas para todos; enquanto combate ao racismo através de uma política antirracial. Essa preocupação não existe no Oeste e no Sul do país. Quando Boyer assume o poder, dois anos depois Christophe suicida-se. Aí o reino colapsa e as escolas entram em ruína, já que Boyer não deu seguimento a esse plano de educação. O país unifica-se porque ficou em duas partes depois da morte do libertador Jean-Jacques Dessalines. Boyer enfrenta várias pressões por parte da França. Era o preço por ser um país negro, ele não pode ser livre, o destino do negro nessa perspectiva é para ser escravo. Como resultado, Haiti fica sob a ameaça de invasão. Depois anos de que Haiti torna-se livre, a França mantém pressões para invadir de novo a excolônia. Através de canais diplomáticos conseguem comunicar com os presidentes da época. Charles X envia dois comissionários que entram em contato com os novos chefes, um no norte e o outro no Sul e Oeste. Henry Christophe interroga o comissionário e logo o executa. No caso de Pétion

o demite. Esse contato que França estabelece era para exigir o pago pelo reconhecimento da independência. Com o governo de Boyer, estabelece-se o primeiro cônsul francês e deu lugar uma vez mais a novas negociações para o pago do resgate da independência. Vários deputados e senadores negam esse pago, mas o presidente cede sob as pressões da França. Sendo assim, a ordenança do rei Charles X envia uma frota militar com quatorze navios de guerra e um pago de 150 milhões de franco-ouro foi exigido (cinco vezes do orçamento da França no então). Esse monte equivale a mais de 21 bilhões de dólares. A exigência era de pagar emprestando nos bancos privados franceses. Assim, foram realizados três empréstimos de 30 milhões em 1825, o segundo foi realizado em 1874 de 15 milhões e de 50 milhões em 1875. Só depois de ter começado com esse pago a independência foi reconhecida pela França em. Junto com taxa de interesses, o resgate foi pago até entre 1913 e 1972.

As consequências são enormes para cancelar o pago. O impacto reflete tanto na esfera, econômica, política como na educação. Os camponeses começam a manifestar. Jean-Pierre Boyer empreende os mesmos passos do seu antecessor, mantém um discurso a favor da educação gratuita limitando a massa. Assim, na constituição de 1820, o artigo 14 faz algumas recomendações para ter acesso à educação. O artigo estipula que só os filhos dos oficiais que serviram o país. Ainda o mesmo artigo faz exigência de verificar se realmente o oficial prestava serviço ao Estado. Para tal efeito, uma comissão da instrução pública procede a verificar por meio de um requerimento que confere se realmente o pai da criança prestou serviço ao Estado. A exclusão da massa é gritante enquanto a oligarquia frequenta as escolas primárias e continua na França seus estudos superiores. A relação de desigualdade escolar reproduz-se como tal na sociedade onde um grupo só está no poder. O Estado, em vez de relacionar-se com a maioria, converte-se num instrumento de dominação.

A falência do Estado deu início na educação como um bem público. Desde o início eram algumas escolas públicas chamadas liceus, mas a quantidade era reservada para a classe dominante como bem já havíamos mencionado. A partir do acordo de 1860, as escolas congregacionais passam a ter um impacto no sistema escolar. O Estado não constitui mais o único agente. Desde então observa-se um deslocamento das elites para essas escolas, uma forma para estabelecer ou distinguir-se da massa dado que pouco a pouco a presença da massa se observa nas escolas públicas conforme as demandas sociais.

Ao longo do século XIX a educação no Haiti enfrentou vários problemas. Propõe-se em formar a oligarquia do país composta da minoria negando a grande maioria. A minoria é composta dos libertos, filhos de colonos que formaram desde a colonização uma categoria privilegiada. Essa situação deixa lugar para outros entes de tomar iniciativas de criar escolas privadas o que leva consequências no século seguinte.

Segundo Laennec Hurbon (2005) o lugar que religião ocupa na educação é porque o Estado está em uma fase de falência e não cumpre sua tarefa enquanto entidade política e administrativa. Como prova disso, dados indicam que a igreja católica representa 24% das escolas privadas superadas pelas escolas protestantes de 35% durante as últimas décadas 29% das escolas independentes, que não têm nada a ver com a religião. Em total, são 83% das escolas privadas e só 17% das escolas públicas.

Nessas escolas, segue uma hierarquia em termo de qualidade do ensino. Para Louis Auguste Joint (2000), as escolas “borlette” ocupam a última escada dessa categoria. São aquelas que não conseguem ter sucesso nos exames estatais de fim de ano escolar. Além disso não contam com suficientes recursos econômicos para pagar professores de qualidade. Isso constitui um problema social sobre tudo ao observar que são escolas que têm 0% de fracassos nos exames do Estado (Le Nouvelliste, 2017). É a partir daí que surge o conceito de escola “borlette” constituídas devido à ausência das escolas públicas e

falta de controle por parte do Estado. Como consequência, a educação privada predomina no Haiti. Predomina também a pedagogia tradicional que aposta pela disciplina no uso do chicote<sup>30</sup>. O professor apresenta como autoritário e tem muito poder sobre os educandos. A relação democrática não existe. Utiliza certos mitos para justificar esses padrões. Por exemplo, o jornal *Le Nouvelliste* (2018) utiliza alguns ditos populares para descrever o fenômeno como “Timoun se ti bèt”, “Timoun pa leve san baton”; o que seria «Crianças são animais», «Crianças não se criam sem chicote». O uso do chicote é feito porque há a ideia de que a criança não é ainda alguém, portanto ela precisa adaptar-se na sociedade para tornar-se um ser humano. É a ideia de que para ser um alguém o é depois de receber os valores pelo uso da violência corporal. Então o uso do chicote é um padrão social de disciplina.

As consequências econômicas permitem entender as desigualdades sociais no Haiti, mas o que é mais importante é a reprodução dessas desigualdades sociais na instituição escolar. Assim, as elites dominantes, conseguem manter seu domínio e manter ordem. O papel do Estado enquanto agente político responsável de cuidar da coisa pública fomenta essas desigualdades sociais desde o início olhando as bases sobre as quais foram construídas o sistema educacional porque a oligarquia se apropria do poder político e econômico. Por isso que Louis Auguste é levado a argumentar:

[...]Teoricamente, as bases do ensino haitiano foram determinadas pela política educacional do libertário Toussaint Louverture e dos fundadores do Estado haitiano. Entretanto, esse sistema tem suas origens nas práticas educacionais em vigor na época da colonização e da escravatura. Os fundadores, guiados pelo modelo educacional deixado pelos antigos colonos franceses, reproduziram-no após a independência do Haiti. Mas os princípios da nação haitiana são marcados por muitas incertezas e ameaças que tiveram repercussões nas

---

30 O jornal *Le Nouvelliste*, maior jornal do Haiti apresenta o pedagogo Maurice no mês de agosto de 2018 por ter publica o livro intitulado “ Escola sem chicote”.

políticas educacionais dos primeiros dirigentes haitianos ( JOINT, p. 182, 2000).

Essa dinâmica em que o Estado não tem capacidade de mandar, no sentido, de responder às demandas das camadas populares acaba de gerar crises no meio educacional. É dessa forma surgem muitas escolas que, em comparação às escolas públicas, a representação é mínima. Cabe lembrar, como menciona Louis Joint (2000), as escolas borlettes leva esse nome por não terem professores com formação na área de ensino. Os que lecionam são pessoas, de acordo à situação econômica do país estão no mercado de trabalho, então a situação econômica predomina antes de qualquer coisa. Não há condição para contratar outros professores. Porém, a pesar de que as condições são de baixa qualidade, em geral as camadas populares recorrem a essas escolas pelo fato que sua posição econômica não lhes oferece outra opção. Vale a pena relembrar que também as escolas denominadas de excelência contribuem no aumento dessas porque os estudantes que formam essas intuições escolares são rechaçados, na maioria dos casos, pelas escolas de excelência por não apresentarem os padrões estabelecidos. A categoria que impõe os padrões são as escolas congregacionais. São reconhecidas porque têm muita disciplina, bons professores com bom salário e tem sucesso nos exames estatais. De um certo tempo, conforme a dinâmica da sociedade, as demandas por uma educação de qualidade começa a aparecer, o que faz com que as camadas populares começam a frequentarem esses espaços. A característica conservadora das classes dominantes não lhes permite compartilhar o mesmo espaço. Dado à sensação de ameaça, começam a surgir as escolas internacionais onde os filhos das classes mais altas do país estudam. Em geral, essas escolas respondem a outro tipo de perfil que é um perfil internacional, já que o curricular é dos Estados Unidos, da França ou do Canadá. Com esses curriculares, o estudante pode concorrer uma vaga universitária no estrangeiro. Uma escola desse nível geralmente é



dirigido por um estrangeiro, com professores haitianos bem formados e com um bom<sup>31</sup> salário. Diante do exposto, pode-se dizer que o sistema educacional haitiano é organizado por diversos setores sociais, mas tal situação consolida as desigualdades sociais. O professor Joint aponta que:

A distância entre a burguesia e as classes populares iria aumentar mais. Um século depois, a partir dos anos 1970, diante da pressão da demanda escolar, as escolas católicas congregacionais tornaram-se espaços compartilhados pelas crianças provenientes de classes populares e de classes mais elevadas. Para perpetuar o princípio da distinção e da separação de classes, as crianças oriundas de famílias abastadas abandonaram progressivamente as escolas católicas congregacionais, aumentando a lista de escolas internacionais (JOINT, p. 184, 2000).

As instituições escolares descritas apresentam a dicotomia entre o meio urbano e rural. O meio urbano é o lugar onde concentra-se tudo, enquanto o meio rural reserva-se para agricultura. Essa divisão geográfica é estratégica, pois, o meio urbano vira o grupo que se prepara para assumir os cargos burocráticos; ou seja, uma classe dominante. O meio rural nesse sentido continua sendo a grande maioria dominada. O mesmo padrão social do século XIX parece presente ainda com as mesmas características. Tanto para as escolas internacionais, situam-se nas zonas residenciais onde moram as elites; o que significa que não são tampouco nas zonas rurais.

No decorrer do tempo, várias reformas foram feitas, mas elas não são de caráter democrático no sentido que pode gerar acesso às camadas mais baixas à escola. O resultado dessas reformas dá o contrário. Não há nas reformas promovidas a problemática da pedagogia tradicional nos seus fundamentos como formalismo, ordem, memorização

---

<sup>31</sup>Entende-se bom salário é aquilo que permite ao professor manter-se e repor sua força de trabalho. Mas também está em comparação das outras escolas que oferecem um salárioabaixo.

como já salientamos no primeiro capítulo. Mas, o que não se vê nas reformas é a prática pedagógica baseada na memorização. Estas práticas são denunciadas em certos artigos de jornais, mas ainda permanece o problema da mecanização dos conteúdos escolares no Haiti. Por isso, o nosso foco de estudo aborda a memorização enquanto forma que gera passividade e que de certa forma pode causar problema no desenvolvimento do pensamento crítico.

### **3.1.1.1.3 Pedagogia do oprimido como arcabouço teórico para analisar as relações de domínio através da memorização**

A “Educação bancária”, conceito de Paulo Freire, nos ajuda a entender as relações sociais de dominação que se definem em uma opressão de classe entre opressores e oprimidos. Na sua obra, o autor identifica o oprimido e explica a relação em que encontra-se, portanto, identifica também o que é a opressão e a maneira em que se dá. O opressor é definido, nessa posição, em relação as forças materiais. Significa que ocupam a posição dominante em função do modo de produção capitalista. Essa classe organiza a sociedade de modo a preservar seus privilégios, sua dominação enquanto classe social. É uma classe construída historicamente na lógica da sua formação social e enquanto classe manifesta uma estrutura dominadora e conservadora. Busca ter o controle de todos os meios dentro da sociedade como o poder político e poder econômico dado seu caráter conservador, sente-se ameaçado vendo que ele perde espaço. Quer dizer, se o outro consegue ter o que ele também tem, ou se ele não tem mais o do que ele tinha; já se sente ameaçado. Enquanto os oprimidos, vivem uma realidade cuja estrutura é dos opressores, devido a isso inculcam, introjetam o pensar do opressor. É o que Freire (2017) chama de dualidade existencial dos oprimidos. O oprimido precisa libertar-se, mas primeiro, precisa ter uma consciência crítica. Os opressores, para manter sua dominação, fazem uso da pedagogia da sua classe como classe dominante e dessa forma o oprimido não tem condição para libertar-se. É justamente por isso que o estado do oprimido é um estado de

alienação. A educação como prática de liberdade não deve partir das práticas dominantes, senão das práticas do oprimido que seria sua vivência, sua realidade social porque a práxis da liberdade vincula-se à ideia de que o oprimido pode se refletir e assim pode reconhecer-se porque no oprimido enquanto sujeito há um lugar de enunciação. Ele tem história, só que não sabe como pronunciá-la, mas são sujeitos que sabem de seus conceitos. Então pensar a partir da cultura do oprimido é relevante porque ele é um sujeito cultural. Mas em função de como as relações sociais de dominação se estabelecem, as elites consideram que o oprimido não tem cultura. Partir da história do oprimido lhe facilitará a entender-se, ver-se como sujeito histórico. Dá para entender que a submissão do oprimido é resultante de um processo histórico que surge em contexto em que foram submetidos uma categoria de raça. Essa dominação deu lugar a brancos e não brancos, a divisão social do trabalho baseado na cor. Na Europa havia o trabalho assalariado enquanto em outros lugares como nas Américas era a escravidão; o que significa inferiores não devem ser pagos. A constituição da América já surge com as novas oligarquias constituindo os opressores e assim reproduzem os padrões sociais de dominação. A herança mantém-se e se define em relações materiais que opõe massa e classe dominante. Nessa relação, a massa passa a ser estigmatizada como ignorante e a elite como ser inteligente. Nessa mesma linha que Freire pensa que:

Os colonialistas diziam que somente eles tinham cultura. Diziam que antes da sua chegada à África nós não tínhamos História. Que a nossa História começou com a sua vinda. Estas afirmações são falsas, são mentirosas. Eram afirmações necessárias à prática espoliadora que exerciam sobre nós. Para prolongar ao máximo a nossa exploração econômica, eles precisavam tentar a destruição da nossa identidade cultural, negando a nossa cultura, a nossa História (FREIRE, 89, P. 2011).

A pedagogia do oprimido pensa a partir dessa relação de opressão. As práticas pedagógicas, nesse sentido, não devem ser distantes em relação ao oprimido. Precisam ser

contextualizados, vinculados à realidade do educando. O ser humano é construído a partir de fatos, então o ato de ensino deve basear-se nesses fatos, ou seja, um conhecimento produzido com o sujeito e não a partir de um aprendizado com fatos desconexos.

O mundo é construído de acordo com os padrões sociais estabelecidos pelos opressores sendo a classe dominante. Desenvolve-se uma cultura que reflete o pensar, os hábitos do opressor. O oprimido ao viver nesse mundo idealizado pelo opressor, passa a naturalizar esses mesmos padrões sociais apropriando-se dele. O oprimido hospeda, nesse sentido, o opressor diz Paulo Freire:

Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência “hospedeira” da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos oprimidos é o comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles - as pautas dos opressores (FREIRE, p.46, 2017).

Para o oprimido se libertar ao ponto de reconhecer seu opressor, tem que ter uma consciência de sua práxis, portanto não deve viver em um mundo desenhado pelo opressor. Por ser assim ele não será libertado. A ação que deve conduzir à libertação é coletiva, não é individual. Requer-se o diálogo provocador e crítico. O que a educação bancária não possibilita devido à prática que visa a adaptação do educando no sentido de se conformar e acomodar-se. Conformar-se com a realidade significa que não é possível transformá-la, então há a ideia de que os fenômenos sociais são assim. Não existe a possibilidade de pensar porque tudo está já pensado, tudo está dado. É a problemática da “educação bancária” visto que ela transmite o conhecimento para depois ser memorizado. Essa transmissão procede de forma absoluta, não gera reflexão crítica. Na “educação bancária”, diz Paulo Freire (2017) o educador enche o educando pelos saberes que ele tem. Nesse ato, há uma correlação entre o conteúdo e o professor; o que faz com que

quanto mais preenche o educador, ele é visto como melhor; enquanto mais o educando é preenchido é visto também mais conhecimento que ele tem. Entre os dois, educador e educando, sua relação define-se em depositante e depositário. O depositante exerce sua autoridade que lhe confere a instituição escolar enquanto possuidor de saber e o depositário apresenta-se aqui como aquele que não sabe. Essa pedagogia é a pedagogia de opressão. A educação enquanto prática de libertação tende a problematizar em vez de submeter. Assim, o conhecimento é um processo coletivo de construção de conhecimento mediante o ensino e o aprendizado.

A educação representa a negação do oprimido na educação bancária. Esse oprimido, como no caso haitiano, remonta desde a colonização onde as oligarquias colonialistas negaram aos negros todo tipo de direito por meio da escravidão. Essa negação expressa-se na educação bancária que serve para encher a cabeça porque as camadas não devem pensar. Então quem pode pensar é a classe burguesa para perpetuar seu statu quo. Por isso a memorização desempenha um papel relevante para a docilidade dos cidadãos haitianos. Essa negação do sujeito se explica de pelo fato que, na educação bancária, aquele que sabe é o professor, portanto nunca ele é o ignorante. Aquele que é ignorante é o aluno e nunca ele sabe. É a negação de que o oprimido não é nada, não possui conhecimento porque ele não tem cultura nem história. Como ignorante, é o professor que indica o que ele deve aprender e diante uma pergunta, é o professor também que indica o que o aluno deve responder. Não é por toa que a educação bancária não busca que a conscientização porque o sujeito deve ser submisso.

A memorização é a leitura mecânica, portanto o texto memorizado não se deve interpretar. O texto é resultante da realidade existencial, mas o educando não deve entender essa realidade. Então o único conhecimento que o oprimido tem, nesse sentido, é a memorização. Pois, quem memoriza mais, pretende saber mais. O conhecimento serve ao ser humano a busca da verdade sendo o desafio de uma sociedade, agora, na educação

bancária, o principal desafio é a memorização. A massa não pode ter conhecimento, são chamados só a memorizar porque a palavra, de certo modo, é o mundo. Conhecer então essa palavra leva a conhecer o mundo, a realidade. Tal pedagogia está preocupada com um ser desligado e isolado do mundo. Por isso, a educação bancária tende a recorrer a castigos corporais, como descrevemos no caso do Haiti, para disciplinar o haitiano, de modo que, frente a situações acontecendo em outros lugares fora da escola, poderá manter a docilidade na forma em que deve reagir. Seja reagir em contra da extrema pobreza, ou colocar suas demandas como cidadão no exercício de seu direito.

## **IV Capítulo**

### **Conclusões finais**

Em relação ao sistema escolar haitiano, a memorização sendo prática pedagógica é considerada como mecanismo de domínio porque não permite o exercício crítico-reflexivo. Tal pedagogia facilita o domínio porque o educando não tem conhecimento a não ser a memorização. Ao longo do trabalho tentou-se descrever o conceito de educação como um fenômeno que nasce com o indivíduo nos atos de transmissão de informação. Procurou aprofundar as relações sociais de domínio e sua reprodução no espaço escolar. O sistema escolar haitiano, de acordo aos interesses de classes dominantes, têm a memorização como prática pedagógica. Tal pedagogia gera reflexão mecânica na educação. Essa forma é um dos pilares da pedagogia tradicional, promove a domesticação dos conteúdos escolares e não a participação crítico-reflexiva. Então, o pensamento crítico nos fornece ferramenta para entender as relações sociais de dominação das oligarquias nacionais e entender como conseguem manter sua dominação.

A perspectiva crítica, pela interdisciplinaridade<sup>32</sup> que se constitui, possibilitou, com o arcabouço teórico, estabelecer ligações entre as forças materiais e o papel da instituição escolar nas desigualdades sociais e nas relações sociais de dominação das elites. A “pedagogia do oprimido” entra em diálogo com o pensamento desde o lugar do oprimido. O marco teórico da “pedagogia do oprimido” conseguiu explicar a memorização que, através da “educação bancária”, dificulta a criticidade.

O conceito de educação como fenômeno social constrói-se na interação entre os humanos. Ela surge de acordo com as necessidades do ser humano. De certo modo, a educação como vimos no trabalho, tem começado a partir das atividades desenvolvidas no trabalho humano. Conforme às demandas, surge a necessidade de formalizar essas atividades em forma de conteúdos, também com espaço definido. Organiza-se currículo sobre o que deve-se lecionar e o que não se deve lecionar. A educação passa a ser um instrumento que serve a moldar o indivíduo para adaptá-lo na sociedade segundo os padrões sociais estabelecidos. Essa forma de ver a criança como alguém que precisa aprender saberes prontos dos adultos da sociedade é denunciada como uma forma tradicional. Ela procura a ordem, a disciplina. Sendo assim, o professor exerce sua autoridade pedagógica de forma autoritária e as práticas buscam em educar no sentido de um professor que tem conhecimento para transmitir a um ser nulo. Essa educação torna-se em uma relação de professor que ajuda a resolver prova na sala de aula. É a mecanização dos conteúdos escolares. Essa situação nos leva a estudar o caso da memorização como prática de ensino no sistema educacional haitiano.

Nos marcos conceituais, os teóricos se aproximam em certos aspectos. Há pontos em que mostram diferenças. Althusser entende, na sua argumentação que o AIE

---

<sup>32</sup>Psicologia com Vygotsky, sociologia e pedagogia no caso de Paulo Freire ajudam entender o autoritarismo, a domesticação e a reprodução de classe devido às práticas pedagógicas.

contribui na reprodução social de forma hierárquica. Conseguiu desenvolver seu pensamento na forma em que observa o modo de produção capitalista relacionado ao sistema do ensino. O desenvolvimento do capitalismo exige cada vez mais qualificação aos trabalhadores ao ponto que gera a hierarquia dos conhecimentos. Essa hierarquia entende-se como a divisão técnica social do trabalho; quer dizer, mais qualificação, o salário tende a aumentar em conformidade ao cargo. Aí a reprodução se dá na forma como as elites organizam a escola para manter sua dominação. Já é uma relação de dominantes e dominados. Bourdieu mostra esse mesmo aspecto como Althusser em relação à hierarquia escolar. Para Bourdieu são os trabalhos acadêmicos que legitimam a hierarquia escolar e os títulos universitários constituem as hierarquias sociais. É a denominada meritocracia, que surge a partir dos concursos, das provas, etc. O capital cultural deriva das camadas escolarizadas. Os filhos dessa camada tendem a herdar esse capital cultural devido a seu habitus que eles naturalizam já no seio da família. A criança adquire certos conhecimentos denominados “pré-saberes” similares ao saber acadêmico. É a expressão da força material que tem o reflexo no âmbito escolar reproduzindo as desigualdades sociais.

Estabelecendo-se na sociedade, a cultura dominante é assimilada pelas classes populares, torna-se legítima. E constitui-se uma desigualdade. São as relações de dominação constituídas em poder simbólico. O poder simbólico. À diferença de Althusser, Bourdieu denuncia a marginalização das camadas populares criadas pela burguesia com critérios de afastamento como a meritocracia que tende a reproduzir os mesmos padrões sociais. Também, deu para ver no trabalho que o conceito de cultura dominante foi abordada no mesmo sentido, por Gramsci. A cultura dominante na visão deste é um tipo de hegemonia de poder exercido de um grupo sobre outros. Esse grupo dispõe de seus intelectuais orgânicos além de todo o aparato que dispõe para dirigir seus interesses e privilégios. O pensador entende que o problema está relacionado na forma em que a cultura se organiza. Essa organização promove os interesses da classe dominante,



sendo assim ele defende intelectuais orgânicos para a classe trabalhadora, assim poder trabalhar frente à classe burguesa. A luta aqui é cultural porque como no caso de Bourdieu ele enxerga cada classe com sua cultura respectiva: a cultura dominante e a cultura dominada. A proposta de Gramsci é que a classe trabalhadora deve assumir o papel de enfrentar a classe burguesa desenvolvendo seus intelectuais orgânicos. A disputa dá-se de forma que a burguesia busca manter sua hegemonia; enquanto a classe trabalhadora busca transformar as relações sociais de dominação. É nesse sentido, conseguem mudanças políticas.

Esses teóricos dialogam, de certo modo, entre si pelo fato de discutir as relações sociais de dominação. Sendo assim, Paulo Freire através da obra “Pedagogia do oprimido” analisa essas relações de dominação entre opressor e oprimido. Analisa um mundo organizado segundo os padrões sociais do opressor. O oprimido naturaliza esses padrões, de tal forma que o opressor mora nele por não ter a capacidade de problematizar.

O presente trabalho é uma tentativa para entender a memorização no sistema educacional haitiano, possibilitou compreender a pedagogia tradicional no sistema educacional que causa a negação da grande massa ao respeito da sua realidade histórica. Pois, reconhecemos alguns limites do trabalho para aprofundar mais o tema; considerando que Haiti é uma população diaspórica africana, parece-nos que pode haver laços do modelo patrimonialista deixados pelos europeus. O modo de operação da colonização se constrói na negação do outro como sujeito. Porém aqui, a relação que se estabelece é a negação do saber para assim poder dominar. A memorização, além da criticada que não permite, também, não favorece a produção epistêmica. Sendo assim, o educando repete quem o domina. No caso haitiano, é a produção epistêmica eurocêntrica que constitui nossa produção epistêmica.

**Anexos**

Constituição de 1987

Constituição de 1820

Constitution de 1805

Constituição de 1801

<https://unila.edu.br/sites/default/files/files/Manual%20TCC%20unila.pdf>

<https://unila.edu.br/sites/default/files/files/Manual%20de%20cita%C3%A7%C3%A3o%20e%20notas%20de%20rodap%C3%A9.pdf>

**Principais fontes**

## Referências bibliográfica

Adrian Sotelo Valencia. Los rumbos del trabajo, 1.ed. México, 2012

ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, INFORMAL E FORMAL DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uel\\_bio\\_pdp\\_maria\\_salete\\_bortholazzi\\_almeida.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pdp_maria_salete_bortholazzi_almeida.pdf) Consultado em: 20/09/2018

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparatos Ideologicos del Estaddo, Editorial Martin Fontes, 1970

BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Editoril Planeta, 4.ed., 2004

BELLEGARDE, Dantès. *Haïti et ses problèmes*, Montréal, valiquette, 1914.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Clouse. A reprodução, 6.ed. ,Petrópolis, 2008

\_\_\_\_\_. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Les héririers : les étudiants et la culture : Éditions de Minuit, 1964

C.R.S., James. Os jacobinos negros.1ed., São Paulo, 2000

DANTICAT, Edwidge. Reviews Work: Anacaona, Golden Flower. In, Jornal of Haitian Studies. Vol. 11, No. 2 (Fall 2005), pp. 163-165

DAUDIER, Valérie. Ces écoles qui ont eu 0% de réussite au bac. Le Nouvelliste. Publicação do 2017. Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/176496/ces-ecoles-qui-ont-eu-0-de-reussite-au-bac> Acesso em: 15/11/2018

DAVIDE, Placide, Héritage colonial en Haiti, Madrid, Tahoma De las Calzas, 1959.

- DEMerval, Saviani. Do senso comum à consciência filosófica. Campinas, SP: 19. ed. 2013.
- \_\_\_\_\_. História das ideias pedagógicas no Brasil. 4. ed. Campinas: SP, 2013
- \_\_\_\_\_. Pedagogia Histórico-Crítica. 11. ed. Campinas: SP, 2013
- \_\_\_\_\_. Escola e Democracia. ed. Cortez: SP, 1987.
- DURKHEIM, Emile. Educação e sua natureza. Paris, PUF, 1968
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In. LANDER, Edgardo. (comp.) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p.41-53
- FILHO, Lourenço. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1930 (Bibliotheca da Educação, v. XI)
- FOUCAULT, Michel. Vigilar y castigar, 1. ed., Buenos Aires, 2002
- FOUCHARD, Jean. *Les Marrons du Syllabaire, Henri Descamps*, Port-au-Prince, Haïti, 1988.
- FRANCISCO, Carlos Bauer. La huella de Haití, el latino-americanocentrismo y la historia universal. Anais eletrônico do Congresso epistemologias do Sul, V.2, n-1, 2018.
- FRANCOIS, Pierre Enocque. *Politiques éducatives et inégalités des chances scolaires en Haïti*, Port-au-Prince, Editions de l'université d'Etat, 2010, 252p.
- FREIRE, Paulo. Comunicação ou extensão, 17 ed., 2015
- \_\_\_\_\_. A importância do ato de ler- 51. ed.- São Paulo, 2011, V.22
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia, 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido, 64. ed. Rio de Janeiro/SP: Paz e Terra, 2017
- GASPAR, A. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C.& BRITO, F (orgs.). Ciência e público – caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 171-183, 2002. Disponível em:

[http://casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/livro\\_completo .pdf](http://casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/livro_completo.pdf) >. Consultado em: 27/09/2018.

GOHN, Maria Gloria. Educação não-formal e cultura política. New School for Social Research, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009 Disponível em: file:///C:/Users/invite/Downloads/1-52-3-PB.pdf Consultado em: 15/09/2018

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 4. ed. R.J., 1982

HUNT, E. K. História do pensamento econômico. 2. ed. Rio do Janeiro, 2005

HURBON, Lënnec. Religion et lien social. L'Église et l'État moderne en Haïti. Ed. Paris, 2004, 317 p.

JANVIER, Louis Joseph, *Les constitutions en Haïti (1801-1885)*, Paris: C. MARPON Et E. FLAMMARION, 1886,

JOINT Louis Auguste, *Système éducatif et inégalités sociales en Haïti : le cas des écoles catholiques*, paris, Editions Harmattan, 2000, 524p.

KOLL, Marta de Oliveira. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010.

KRUPSKAYA, Nadezhda Konstantinovna. A construção da pedagogia socialista. 1. Ed. São Paulo, 2017

LIBÂNEO, José Carlos (2002)

MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti*, t.1. Port-au-Prince, Deschamps.

MANACORDA, Mario Alighiero. História da Educação: Da antiguidade aos nossos dias. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010

MANIGAT Leslie F, *L'Eventail d'Histoire vivante d'Haïti*. des préludes de la Révolution de Saint-Domingue jusqu'à nos jours (1789-199), Port-au-Prince, Collection CHUDAC, 2001, 467P .

OSZLAK, Oscar. Reforma Agraria en América Latina: una aproximación política. Roma, 1971. Disponível em: file:///C:/Users/invite/Downloads/REFORMA%20AGRARIA%20EN%20AMERICA%20LATINA.pdf Consultado em: 18/11/2018

BERGER, L.Peter e LUKMANN, Thomas. La construcción social de la realidad, 1. ed. , 1968, Buenos Aires

PIERRE, Luc-Joseph, Eduquer contre la barbarie, port-au-Prince, Deschamps, 1996.131p.

PALETTI, Nelson. Sociologia da educação. 7. ed. Ática: SP, 1989.

PONCE, Aníbal. Educación y lucha de clase, Buenos Aires, Cártago, 1975

ROITMAN ROSENMAN, Marcos. La estructura social en el orden oligárquico. In:           . *Pensar América Latina*. El desarrollo de la sociología latinoamericana. Buenos Aires, CLACSO, 2008.

SCOTT, W. Joan. O enigma da igualdade, Princeton University, 1999. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf> Consultado em: 25/10/2018

SKINNER, Bhurrus Frederic. Ciência e Comportamento humano, 11. ed. 2005

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América-Latina. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278. Disponível em : <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>

TARDIEU, Charles. L'éducation en Haïti de la période coloniale à nos, Port-Au-Prince : Henri Deschamps, 1989

THÉLUSMA, Emmanuel. Pour une éducation sans bâton. Le Nouvelliste. Publicação do 18/01/2018. Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/180892/pour-une-education-sans-bâton> Acesso em: 15/11/2018